

Ministério

JAN-FEV • 2020



Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 16,28



EM BUSCA DA EXCELÊNCIA

Elementos fundamentais para o desenvolvimento de um pastorado bem-sucedido

Dicas para preservar a saúde do relacionamento conjugal + Apelo para uma nova era de pregação e adoração
Daniel 7 e a interpretação adventista + Visitação eficiente + Casamento e sexualidade no Gênesis



Igreja Adventista
do Sétimo Dia



Amar
escrito com sangue

SEMANA SANTA
2020



10

10 Liderança de alto impacto
S. Joseph Kidder
 Cinco qualidades essenciais para o desenvolvimento de um ministério eficaz

14 Experiência reavivada
Hyveth Williams
 Apelo para uma nova era de pregação e adoração

18 O quarto reino
Clacir Virmes Júnior e Isael Costa
 Daniel 7 e a interpretação adventista

21 Tarefa indispensável
Paulo Nogueira
 Um plano sugestivo para tornar seu ministério de visitação mais eficiente

24 Quase matei minha esposa
Gábor Mihalec
 Dicas para preservar a saúde do relacionamento conjugal

28 De volta aos fundamentos
Stephen Bauer
 Casamento e sexualidade no Gênesis



24

5 Editorial
7 Entrelinhas
8 Entrevista
27 Lições de vida
32 Dicas de leitura
34 Reflexão
35 Palavra final



21

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 92 – Número 547 – Jan/Fev 2020
 Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Márcio Nastrini
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Rudall30

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
 Twitter: @MinisterioBRA
 Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Lucas Alves; Daniel Montalvan;
 Adolfo Suarez; Marcos Blanco;
 Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Carranza; André Dantas; David Ayora;
 Edilson Valiante; Efraim Choque; Elieser Ramos;
 Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira;
 Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Juan Zuñiga;
 Raíldes Nascimento; Ronivon Santos; Rubén
 Montero e Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
 Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
 Rodovia SP 127 – km 106
 Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
 Segunda a quinta, das 8h às 20h
 Sexta, das 7h30 às 15h45
 Domingo, das 8h30 às 14h
 Site: www.cpb.com.br
 E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 79,20
 Exemplar Avulso: R\$ 16,28



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5499 / 40792

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.



Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.



Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa.

- Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Ao concluir sua primeira carta à igreja de Tessalônica, Paulo expressou o desejo de que os cristãos fossem santificados em tudo e tivessem “espírito, alma e corpo [...] íntegros e irrepreensíveis” no segundo advento de Cristo (1Ts 5:23). É interessante observar que, nos escritos paulinos, essa é a única vez em que o apóstolo menciona as três palavras em conjunto, enfatizando a integralidade humana e a necessidade de aperfeiçoamento de cada aspecto do ser. Embora o texto seja direcionado à comunidade cristã como um todo, creio que nós, pastores e líderes, devamos nos aprofundar na aplicação desses conceitos em nossa vida.

Ao se referir ao espírito (*pneuma*), Paulo parece indicar a dimensão cognitiva, inteligente, racional do ser humano. O Senhor deseja que desenvolvamos a mente em conformidade com Seu querer (Rm 12:1, 2) e tenhamos raciocínio claro para compreender a Bíblia e ensiná-la da melhor maneira possível (2Tm 2:15, 24; 3:16, 17), alcançando todas as pessoas. Devemos conhecer as Escrituras por experiência própria, nutrir uma espiritualidade bíblica e nos aprofundar intelectualmente, a fim de responder a todo aquele que pedir razão da nossa fé (1Pe 3:15). Ellen White ponderou que “os tempos atuais exigem pastores inteligentes e preparados” para enfrentar um mundo no qual “pecado, incredulidade e infidelidade estão tornando-se mais audaciosos e desafiadores”. E afirmou: “Esse estado de coisas demanda o uso de cada faculdade do intelecto”, por isso, o pastor “deve ser bem ponderado nos princípios religiosos, crescendo na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo” (*Ministério Pastoral*, p. 40).

Por sua vez, a palavra alma (*psuche*) faz alusão às emoções, que devem ser centradas. Infelizmente, porém, o índice de cristãos e, especialmente, ministros, vítimas de enfermidades psicológicas, aumenta gradualmente, em um ritmo perceptível. No último ano, casos de suicídio de pastores foram

A santificação não se resume a aspectos espirituais, mas se expressa por meio do desenvolvimento mental, emocional e físico.

noticiados internacionalmente, chamando atenção para um fenômeno que surpreende até mesmo pesquisadores não religiosos. Salomão disse que “a alegria faz bem à saúde; estar sempre triste é morrer aos poucos” (Pv 17:22, NTLH). Bom humor, autoestima elevada, gestão eficaz do tempo, finanças bem administradas e relacionamentos saudáveis no lar, na igreja e na comunidade mais ampla são fundamentais para que a mente se mantenha equilibrada.

Finalmente, Paulo fala acerca do corpo (*soma*), que, evidentemente, refere-se ao aspecto físico. Como templo do Espírito Santo (1Co 6:19, 20), o corpo deve ser conservado nas melhores condições, a fim de que, por meio dele, possamos servir a Cristo plenamente. Como adventistas do sétimo dia, acreditamos que “ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino” são os remédios naturais mais eficientes na promoção da saúde. Contudo, nem sempre temos feito bom uso deles. Muitas vezes, negligenciamos o cuidado com o corpo para dedicar mais tempo a atividades supérfluas, inúteis e até mesmo prejudiciais à saúde física, mental e emocional. Assim, o lembrete de Richard Swanson parece ser bastante apropriado: “Deus nos deu um presente incrível, e tudo o que precisamos fazer é alimentá-lo, embê-lo, descansá-lo e movê-lo” (*Margin*, p. 108).

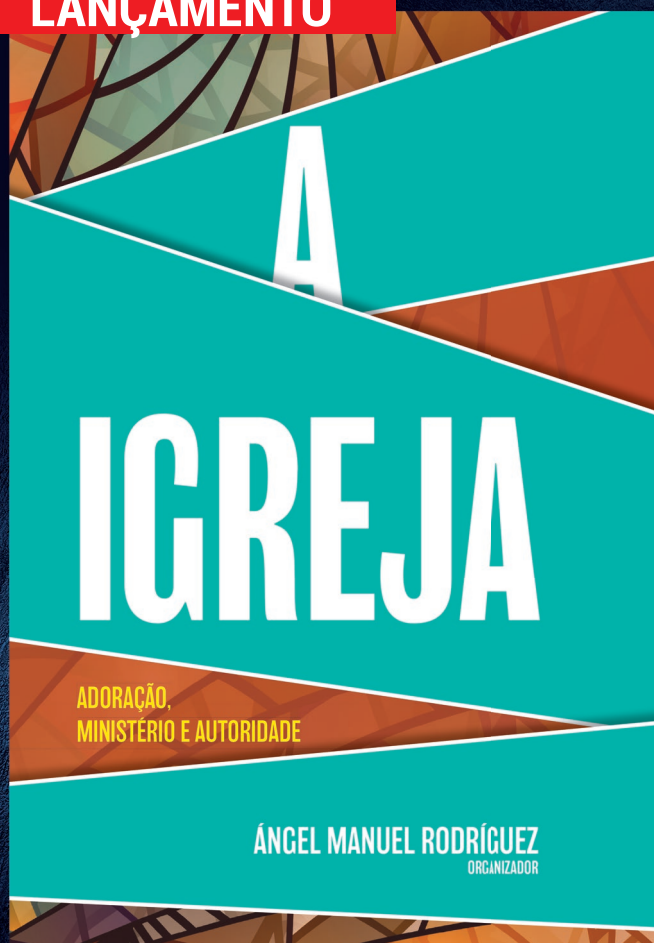
Portanto, a santificação não se resume a aspectos espirituais, mas se expressa por meio do desenvolvimento mental, emocional e físico. Que a oração do apóstolo Paulo se cumpra em nós e que, naquele dia, estejamos “íntegros e irrepreensíveis” diante Daquele que nos chamou para o ministério. **M**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

CHEGOU O NOVO LIVRO DA SÉRIE SOBRE ECLESIOLOGIA DO INSTITUTO DE PESQUISAS BÍBLICAS

LANÇAMENTO



RESPOSTAS PROFUNDAS PARA ASSUNTOS COMPLEXOS

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Baixe o
aplicativo
CPB



PASTOR CANSADO

“Espera um pouco”, você pode dizer, “esse é um tema para ser tratado no fim do ano, depois de intensas atividades e trabalho incansável!” É verdade, mas, talvez, o cansaço tenha se tornado algo comum em sua vida, e os motivos para isso podem ser cobranças que os outros fazem ou que fazemos a nós mesmos, conflitos conjugais, frustração por resultados não alcançados, expectativas que não se cumpriram, medo, críticas, falta de reconhecimento, solidão, angústia, entre outros. De acordo com um estudo da agência de pesquisas LifeWay, 48% dos pastores de várias denominações revelaram que as exigências do ministério são maiores do que eles podem suportar.

O que fazer quando um pastor se sente cansado constantemente? A resposta para essa pergunta não é simples, pois a origem dessa condição pode ser muito variada. Contudo, talvez seja necessário reorganizar as rotinas ministeriais e até buscar o auxílio de um profissional que possa auxiliar no gerenciamento da saúde emocional e no resgate do nosso valor. Independentemente da natureza e dos motivos que podem levar o pastor a viver estressado, ansioso e sem forças para continuar, jamais podemos nos esquecer de que foi Deus que fortaleceu Moisés, quando as cargas ficaram muito pesadas, após anos à frente de milhares de pessoas pelo deserto (Êx 33:11-14); foi Ele que fortaleceu Davi, enquanto este fugia de Saul e se encontrava em uma condição vulnerável (1Sm 26); foi Ele que fortaleceu Elias e o tirou de uma caverna, quando o profeta fugia de uma rainha idólatra (1Rs 19); foi Ele que afirmou a Paulo que o acompanharia nos momentos mais difíceis de seu ministério (2Tm 4:17). Não sei como está seu



LUCAS ALVES

secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

Comece este ano olhando para cima, vivendo seu chamado em toda a plenitude. Segure nas mãos de Deus e encontre Nele coragem para seguir em frente.

coração nem quais são as cargas que você tem levado. Não sei se já pensou em parar, em desistir e deixar o ministério para trás, pois tentou várias vezes e nada aconteceu. Amigo, não se esqueça de que Deus escolheu você e o colocou onde está, de acordo com Sua providência. O Senhor sabe de todas as coisas e lhe dará todo poder, força e disposição para que você siga adiante. Estamos começando um novo ano. Por isso, não olhe para os desafios e dificuldades que irá enfrentar nem olhe para trás, com medo de sombras do passado. Olhe para cima e veja Deus conduzindo seus passos e fortalecendo sua vida ao longo da jornada do seu ministério. Ele nunca abandona aqueles a quem chamou. Todas as vezes que as cargas emocionais e espirituais se tornarem quase insuportáveis, lembre-se: “Mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam” (Is 40:31). Comece este ano olhando para cima, vivendo seu chamado em toda a plenitude. Segure nas mãos de Deus e encontre Nele coragem para seguir em frente. Ellen White afirmou: “Em meio a toda confusão e correria das atividades, encontrarão um lugar quieto de repouso. Se colocarem a sua confiança em Deus, Ele lhes será lugar de descanso” (*Cristo Triunfante*, p. 46). **M**

A FAVOR DA VIDA



Diretor do Instituto de Pesquisas Bíblicas explica detalhes a respeito da nova declaração adventista sobre o aborto

Walter Steger

Um dos temas discutidos no último Concílio Anual da Igreja Adventista do Sétimo Dia foi a proposta de um novo documento sobre o aborto, em substituição ao texto de 1992 a respeito do tema. Após amplo debate, a maioria absoluta dos cerca de 300 delegados presentes à reunião aprovaram a declaração, que apresenta com mais profundidade a percepção adventista referente à santidade da vida humana.

Nesta entrevista, o doutor Elias Brasil de Souza, diretor do Instituto de Pesquisas Bíblicas da Associação Geral, esclarece alguns pontos importantes que envolvem a produção, o conteúdo e a aplicação do documento no contexto pastoral.

O feto pertence a Deus; portanto, é digno de proteção e respeito.

O que motivou a sede mundial da Igreja Adventista a elaborar um novo documento sobre o aborto? Como foi o processo de preparação e votação?

Em resposta a vários pedidos feitos para que a igreja esclarecesse sua posição sobre o aborto, a liderança da Associação Geral solicitou ao Comitê de Ética do Instituto de Pesquisas Bíblicas que preparasse a minuta de uma declaração que pudesse expressar a visão denominacional sobre o tema, a partir de uma perspectiva bíblica.

Foram necessários dois anos de estudo e discussões no Comitê de Ética. Depois disso, o documento foi submetido a outras comissões da Associação Geral. Após aperfeiçoamentos, a versão final foi levada à votação no Concílio Anual, no qual foi aprovada pela esmagadora maioria dos delegados.

O senhor destacaria quais aspectos desse documento, em relação à declaração anterior?

A declaração anterior, que consistia de *orientações*, tinha como objetivo dar instruções práticas para casos específicos em que o aborto deveria ser considerado. Não era uma afirmação teológica sobre a visão bíblica a respeito do assunto.

Por sua vez, o novo documento é uma *declaração* que se concentra na visão bíblica sobre a santidade da vida humana e suas implicações para o aborto. Assim, ele assume uma posição inequívoca de respeito pela dignidade e pelo valor da vida humana ainda não nascida.

Quais desafios específicos a Igreja Adventista enfrenta quanto ao tema do aborto e de que maneira esse novo documento auxilia nesses desafios?

Em muitas sociedades, o aborto se tornou uma questão política. Algumas pessoas o entendem como uma manifestação de liberdade por meio da qual as mulheres expressam controle sobre seus corpos. Em contraste com essas construções políticas e sociais do aborto, o novo documento ressalta o valor e a santidade da vida humana e, assim, posiciona a questão sob uma perspectiva diferente: o feto pertence a Deus; portanto, é digno de proteção e respeito.

É importante mencionar que o novo documento não pretende fornecer instruções específicas para casos ou circunstâncias particulares. De fato, serve como base para diretrizes e/ou protocolos subsequentes que possam ser necessários às várias áreas do serviço da igreja. Deve-se esclarecer que o novo documento (*declaração*) substituiu o antigo (*orientações*).

Portanto, novas diretrizes e/ou protocolos deverão ser preparados para dar orientações específicas. Em realidade, o departamento de Ministério da Saúde da Associação Geral já iniciou as conversas para elaborar protocolos a fim de ajudar nossas instituições médicas a lidar com o aborto de maneira que respeitem os valores e ensinamentos bíblicos expressos no novo documento.

Esse documento é de uso predominantemente interno da Igreja Adventista ou tem o propósito de ser divulgado ao público em geral?


Dadas as complexidades inerentes à questão do aborto, tem havido uma necessidade crescente (interna e externa) de a igreja esclarecer sua posição sobre o assunto. Portanto, o novo documento pretende transmitir a compreensão e a posição da Igreja Adventista sobre o aborto, não apenas para seus membros, mas também para a sociedade em geral.

Que recomendações o senhor sugere aos pastores da Igreja Adventista na América do Sul quanto ao uso e à difusão desse documento?

Em primeiro lugar, o novo documento não é um item do *Manual da Igreja*; portanto, não deve ser utilizado como arma para ferir pessoas. Na sequência, tendo dito isso, acho que o documento pode ser útil para ajudar os

Apesar de ser uma questão tão sensível e até mesmo política, não devemos nos eximir de falar sobre o aborto da perspectiva correta, isto é, bíblica.

membros da igreja a entender quão sagrada e digna é a vida humana ainda não nascida. Em terceiro lugar, apesar de ser uma questão tão sensível e até mesmo política, não devemos nos eximir de falar sobre isso da perspectiva correta, isto é, bíblica. Devemos estar dispostos e preparados para orientar e ajudar a todos, especialmente nossos jovens, que pode ser o segmento mais vulnerável da igreja a sucumbir diante da cultura do aborto por conveniência tão desenfreada em nossa sociedade. Finalmente, como pastores e líderes da igreja, devemos sempre lembrar a nós mesmos e a nossas congregações de que “o valor de uma vida humana só pode ser estimado à luz da cruz do Calvário” (Ellen G. White, *The Signs of the Times*, s.d., p. 549).

Portanto, não devemos nos esquecer de que nosso ministério se estende aos que ainda não nasceram. Por isso, mesmo nas circunstâncias em que a gravidez ocorreu como resultado de um ato pecaminoso, a mãe grávida e o filho ainda não nascido devem ser tratados com o máximo respeito, amor e cuidado. Ao fazer isso, estamos em sintonia com o maravilhoso cuidado de Deus pelas crianças ainda no ventre: “Pois Tu formaste o meu interior, Tu me teceste no seio de minha mãe. Graças Te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as Tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem; os meus ossos não Te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os Teus olhos me viram a substância ainda informe, e no Teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda” (Sl 139:13-16). 

LIDERANÇA DE ALTO IMPACTO

Cinco qualidades essenciais para o desenvolvimento de um ministério eficaz

S. Joseph Kidder

Liderança é um assunto frequente entre pastores. Existem muitos livros excelentes sobre o tema, mas a intenção deste artigo é descrever cinco qualidades essenciais para a eficiência de líderes cristãos. Embora cada qualidade seja importante, é o conjunto delas que faz a diferença. Elas foram identificadas a partir de entrevistas realizadas com 92 pastores. Dessa amostra, 23 pastoreavam igrejas saudáveis e em crescimento¹ e 69 pastoreavam igrejas estagnadas ou em declínio.

Espiritualidade

As entrevistas mostraram que uma liderança pastoral eficaz se baseia em um relacionamento pessoal e contínuo com Jesus Cristo. Pastores que desempenham bem seu ministério investem em uma comunhão intensa e significativa com Deus. Quando perguntados sobre quanto tempo dedicam ao momento devocional diário, eles disseram que destinam cerca de uma hora lendo as Escrituras, orando e louvando a Deus. Além disso, muitos deles empregam mais uma hora intercedendo pelos membros da igreja e suas famílias, bem como pelas comunidades em que estão inseridos. Eles também realizam o culto familiar, fazem jejum regularmente, participam de retiros espirituais e estão envolvidos com outras pessoas em grupos de prestação de contas. Esses pastores buscam o crescimento espiritual fervorosamente e desejam inspirar suas congregações a fazer o mesmo.

Por outro lado, descobrimos que pastores de igrejas estagnadas ou em declínio passam menos de meia hora com Deus todos os dias. Eles sentem que suas responsabilidades profissionais muitas vezes limitam seu tempo devocional e enfatizam a necessidade de muito trabalho e boa administração. De fato, habilidade e experiência são importantes e não devem ser minimizadas, mas ser cheio do Espírito é mais significativo para uma liderança pastoral eficaz. Pastores bem-sucedidos são espiritualmente autênticos e reconhecem que seu poder vem de Deus, não de sua personalidade ou talento.

Observou-se ainda que igrejas em crescimento são muito fortes espiritualmente. Essa espiritualidade é frequentemente demonstrada pela liderança, organização e pelo poder de condução do pastor, que

demonstra uma genuína preocupação espiritual pelos outros: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue” (At 20:28). Líderes não podem cuidar de outras pessoas enquanto não cuidarem de si mesmos.

Comunicação

Membros e interessados reconhecem a capacidade de comunicação de um pastor por meio de sua pregação. Descobrimos que pastores eficazes dedicam no mínimo 15 horas na elaboração de um sermão, enquanto outros destinam apenas cinco horas. Embora o número de horas seja importante, outros fatores também se destacam. Isso inclui estar ciente das questões com as quais os ouvintes estão

O pastor é um líder em virtude de sua influência, não de sua posição. Ele é chamado para saber como trabalhar com pessoas e por intermédio delas, ministrar a elas e liderá-las.

tocar o coração das pessoas e apresentar *insights* inovadores a partir da Bíblia. As entrevistas sugeriram que a pregação inspiradora produz uma atmosfera vibrante, na qual as pessoas ficam empolgadas em participar e trazer amigos para a igreja.

A capacidade de se comunicar bem é natural para alguns, mas todos podem aperfeiçoar suas habilidades. Pastores de igrejas prósperas leem por pelo menos uma hora por dia e praticam seus sermões duas ou três vezes antes de pregá-los. Eles também reúnem pessoas criativas que os ajudam a criar melhores sermões e explorar várias maneiras de compartilhar o evangelho. Tanto os membros das igrejas quanto os pastores concordam que o tempo ideal de duração de um sermão seja de 30 minutos.

A partir das entrevistas, cinco regras para bons comunicadores se destacaram:

Pregue com paixão e convicção: acredite de todo coração naquilo que está pregando.

Pregue para duas pessoas: a primeira é quem está ouvindo pela primeira vez. Isso fará com que você seja amigável e use uma linguagem compreensível a não cristãos ou cristãos nominais. A segunda é quem está ouvindo pela última vez. Isso tornará seu sermão cheio de urgência.

Pregue sermões bíblicos e relevantes: às vezes, os sermões são bíblicos, mas não

relevantes. A combinação desses dois elementos é a essência da pregação eficaz.

Pregue sermões simples, mas desafiadores: faça o sermão tão simples que todos possam entendê-lo e, ainda assim, desafiador o suficiente para motivar as pessoas a agir.

Pense do ponto de vista do ouvinte. Um pastor conhecido por sua oratória me disse que sempre pensa na necessidade das pessoas que frequentam a igreja e nas palavras de esperança e conforto que o Senhor lhes dá por intermédio dele.

Visão

Os pastores devem estar focalizados não apenas na pregação, mas também na comunicação consistente da visão à igreja de um modo simples, integral e cativante. Todo pastor eficiente que entrevistamos tem uma visão clara de sua igreja e sabe como levá-la de onde estava para onde Deus quer que ela esteja. Eles prontamente lideram a igreja nesse processo, mas reconhecem que o sucesso é de responsabilidade de todo o corpo de Cristo.

Ao visitar igrejas em crescimento, observei que a visão era compartilhada todos os sábados por meio de histórias interessantes, metáforas bíblicas, *slogans*, faixas, canções, esquetes, etc. Um pastor chamou isso de “redundância criativa”. Ficou claro para mim que todos conheciam a visão e ficaram emocionados não apenas por acreditar nela, mas também por vivê-la.

A visão não precisa ser perfeita, mas deve ser articulada com clareza. Reconhecemos três elementos importantes no compartilhamento da visão. Primeiro, o líder deve ser confiante, com base no senso da visão que recebeu de Deus. Essa confiança é fruto de oração, estudo da Bíblia e profunda reflexão sobre as condições e a história da igreja e de sua comunidade. Segundo, a visão deve ser comunicada com paixão e inspiração. Terceiro, deve ser simples e memorável. Pastores eficazes

comunicam o evangelho e a visão de maneiras inspiradoras.

Transformação

Pastores com essa competência criam um ambiente propício à transformação, lideram o processo com excelência e estabelecem a mudança na cultura congregacional. Em muitas igrejas em crescimento, descobrimos que, em algum momento de sua história, elas estavam morrendo, e Deus usou as circunstâncias e um líder para reavivá-las.

Líderes abertos a mudanças praticam o pensamento crítico e não são meros refletores de ideias, planos, programas e visões de outras pessoas. Com muita frequência, os pastores, por falta de tempo ou habilidades, estão negligenciando o pensamento crítico. No esforço de fazer a igreja crescer, copiam os modelos existentes e gastam suas energias na promoção de programas. Programas (não salvar pessoas) tornam-se a missão das igrejas sob esses líderes. Avaliar a situação, fazer perguntas críticas e ponderadas e encontrar soluções para atender às necessidades urgentes de nosso tempo são o coração do trabalho de um líder. Os pastores precisam ter coragem de eliminar aquilo que não é eficaz ou redirecioná-lo para que possa ser. O pensamento crítico ajudará suas igrejas a passar da estagnação para a criatividade e inovação.

“Não há crescimento sem mudança significativa”, observou um pastor. Numa época em que se perdeu a consciência missionária na igreja, é essencial que o pastor tenha a capacidade de transformar sua congregação em um “posto missionário avançado”. As entrevistas revelaram que pastores de igrejas em crescimento ajudam os membros a recuperar a paixão pela salvação de pessoas. Eles destacam uma causa dada por Deus que incentiva a congregação e manteve a unidade através da mudança. Seu modelo não gira em torno do pastor como o único evangelista, mas como um capacitador para

que todos os membros sejam evangelistas. É muito difícil gerar mudanças. Haverá dor, críticas e desafios, mas os líderes que perseveraram até o fim colhem resultados surpreendentes.

Influência

Pastores eficientes são capazes de liderar e influenciar os outros porque têm paixão por Deus e pelas pessoas e falam sobre isso com entusiasmo. Líderes dinâmicos têm certeza daquilo que estão fazendo. Entretanto, a liderança vai além de meras convicções inspiradoras. Esses pastores foram capazes de liderar e influenciar outras pessoas ao fazer três coisas:

Identificar, desenvolver e apoiar líderes leigos. A igreja apostólica foi um movimento liderado principalmente por leigos. Pastores que seguem esse modelo confiam muito no sacerdócio de todos os crentes. Os leigos não apenas ajudam a alcançar os perdidos, mas também colhem os benefícios de uma caminhada mais próxima com Deus e de um coração renovado por Ele.

Curiosamente, a pesquisa mostrou que os pastores de igrejas em crescimento trabalham cerca de 45 horas por semana, enquanto os pastores de igrejas estagnadas ou em declínio trabalham de 50 a 60 horas por semana.² Pastores eficientes usam essas 45 horas com intencionalidade, aproveitando todas as oportunidades para mobilizar outras pessoas para a missão.

O estudo revelou que as igrejas em crescimento têm mais de 50% de seus membros envolvidos em um ministério significativo³ e cerca de 10% em evangelismo.⁴ Os pastores treinam membros e líderes para desenvolver e executar seus dons. Enquanto isso, igrejas estagnadas ou em declínio têm apenas 30% dos membros envolvidos no ministério e menos de 3% no evangelismo.

O envolvimento dos membros aumenta com a intencionalidade do líder em capacitar os crentes. A pesquisa destacou que os pastores de igrejas em crescimento passam até um terço do tempo capacitando

os leigos para o ministério e o evangelismo (aproximadamente 10 a 15 horas por semana). No entanto, pastores de igrejas estagnadas ou em declínio passam menos de 2 horas por semana em treinamentos.

A importância do desenvolvimento dos membros se revela no tempo e dinheiro dedicados a isso. Igrejas saudáveis investem até 10% de seu orçamento em treinamentos. Elas gastam esse recurso de várias maneiras: comprando DVDs e livros, enviando pessoas para seminários e trazendo especialistas para realizar a capacitação. Muitas igrejas estagnadas ou em declínio relatam que têm pouco ou nenhum orçamento para treinamentos.

Liderar pelo exemplo. Os membros são inspirados por pastores que lideram pelo exemplo. Muitos pastores de igrejas em crescimento compartilharam testemunhos de pessoas que foram ganhas por eles por meio do evangelismo pessoal. Não foi surpresa quando descobrimos que os membros de suas igrejas também estavam ativamente envolvidos na evangelização. Assim, o efeito do exemplo pastoral se multiplica quando vai além da obrigação profissional.

Vários membros de igreja que participaram da pesquisa disseram que foram inspirados pelo exemplo de seu pastor em áreas como tempo devocional, liderança familiar, vida equilibrada, administração do tempo e outros aspectos relacionados ao desenvolvimento pessoal e da igreja.

Assumir riscos e ser decisivo. Líderes assumem riscos. Eles pesam as consequências de suas decisões e não têm medo do fracasso. Pastores eficazes muitas vezes veem as chances perdidas por outros, enxergam as “falhas” passadas como oportunidades para melhorar na próxima tentativa e estão dispostos a se posicionar em questões controversas importantes.

Certa vez, um pastor me disse: “Quando se trata de decisões difíceis, não tenha medo de expressar suas ideias e sentimentos. Sempre tome uma posição. Mas esteja sempre conectado, mesmo com aqueles que discordam de você.

Os relacionamentos devem superar todo o resto. Finalmente, não fique ansioso ou perca o sono por causa disso. Não é sobre você, mas sobre o reino de Deus. Ele está à frente de Sua igreja e cuidará dela.”

Conclusão

Liderança é muito mais do que posição ou título. O pastor é um líder em virtude de sua influência, não de sua posição. Ele é chamado para saber como trabalhar com pessoas e por intermédio delas, ministrar a elas e liderá-las.

Nossa pesquisa revelou que pastores altamente eficazes têm cinco qualidades essenciais: (1) conexão contínua com Deus; (2) capacidade de comunicar o evangelho; (3) habilidade de transmitir a visão; (4) competência para promover transformação; e (5) sabedoria para liderar e influenciar os outros. Embora alguns pastores e membros tenham várias qualidades de liderança mencionadas neste artigo, todos podem desenvolver e melhorar suas habilidades com intencionalidade e orientação do Espírito Santo. Se os líderes quiserem desenvolver outras pessoas, eles mesmos devem crescer. **TM**

Referências

¹ Consideramos crescimento o aumento anual de 3% no número de membros, batismos e frequência por um período mínimo de três anos.

² Essas estatísticas não incluem o ministério realizado durante o horário do sábado.

³ Definimos “ministério” como envolvimento e planejamento consistentes em programas, funções e liderança da igreja, como ensinar na Escola Sabatina, organizar eventos especiais, realizar serviços comunitários, participar do coral, etc.

⁴ Definimos “evangelismo” como o envolvimento consistente no testemunho por meio de atividades como dar estudos bíblicos, testemunho pessoal, distribuir literatura, conduzir ou auxiliar em reuniões evangelísticas na igreja local e liderar ou auxiliar os interessados e recém-batizados na classe de Escola Sabatina.

S. JOSEPH KIDDER
professor do Seminário
Teológico da Universidade
Andrews, Estados Unidos



EXPERIÊNCIA REAVIVADA

Apelo para uma nova era de pregação e adoração

Hyveth Williams

A proclamação da Palavra começou quando o próprio Deus falou aos israelitas (Êx 20:1-17). Foi algo tão poderoso que, quando o povo ouviu, “todos tremeram assustados. Ficaram a distância e disseram a Moisés: ‘Fala tu mesmo conosco, e ouviremos. Mas que Deus não fale conosco, para que não morramos!’”¹

A palavra hebraica *qara*, “proclamar, chamar ou ler em voz alta”, expressa o sentido do que significa pregação ou proclamação no Antigo Testamento. Ela “denota principalmente a enunciação de um vocábulo ou mensagem específica, [...] geralmente endereçado a um destinatário específico e [...] com a pretensão de obter uma resposta específica”.² O termo também aparece quando Deus assegura a Moisés: “Diante de você farei passar toda a Minha bondade, e diante de você proclamarei o Meu nome: o Senhor” (Êx 33:19; cf. Ne 6:7; Jn 3:2).



O apóstolo Pedro observou que Noé era “um pregador da justiça” (2Pe 2:5). No grego *koiné*, a palavra *kerussô* “significa (a) ser um arauto, ou em um sentido mais amplo, proclamar, publicar, pregar (Ap 5:2); (b) pregar o evangelho como um arauto (Mt 24:14); (c) pregar a Palavra (2Tm 4:2)”³. Outros arautos notáveis foram João Batista (Mt 3:1) e o leproso a quem Jesus curou e que “começou a proclamar” (Mc 1:45) tudo a respeito do que o Salvador lhe havia feito. Jesus anunciou que o Espírito do Senhor O havia ungido para pregar o evangelho (Lc 4:18), e Seu último comissionamento aos discípulos foi: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas” (Mc 16:15). Depois da Sua ascensão, eles fizeram exatamente isso: “Todos os dias, no templo e de casa em casa, não deixavam de ensinar e proclamar que Jesus é o Cristo” (At 5:42).

A pregação ocupou parte significativa na vida e na adoração da igreja apostólica. Exegeticamente, as homilias polêmicas se tornaram um elemento predominante

durante o período de 200 a 800 d.C.⁴, quando Orígenes, reconhecido como o pai do sermão como costume eclesiástico, explorou a exposição teológico-prática de um texto definido, chamado de homilia. Então, “nesse período de separação do culto divino em parte homilético-didática e parte mística, o sermão era missionário e apologético em seu estilo e adequado para instruir os catecúmenos”⁵. Os sermões também “assumiram a forma de explicação e aplicação do texto, usando particularmente o método da alegoria que, a partir de então, tornou-se predominante e controlou o uso homilético das Escrituras até a Reforma”⁶. Agostinho “se distinguiu por sua energia e incansabilidade como pregador”. Seus sermões eram “vigorosos nos aspectos da experiência, do testemunho pessoal, da dialética e das aplicações práticas [...] e permeados com o evangelho”⁷.

Com a proliferação da comunicação em massa e o reavivamento na adoração, a pregação alcançou seu apogeu como a

principal parte do culto em meados do século 20. Durante esse ressurgimento, mais da metade do tempo gasto na adoração era dedicado à pregação. No entanto, a diferenciação do sermão em relação ao restante da liturgia pode ter se originado na Idade Média, quando algumas partes do serviço litúrgico eram feitas em latim, e “o sermão exigia o uso do vernáculo da região”⁸. Isso criou a sensação de que determinados elementos do culto (principalmente, a pregação) eram mais importantes do que outros. Alguns teólogos contemporâneos, como Michael Quicke, lamentam a recente mudança de paradigma no estilo e no conteúdo da adoração, na qual música, teatro, louvor, dança e apresentações de vídeo parecem estar usurpando a importância e a centralidade da pregação.

Alguns proponentes dessa mudança declaram que “quando os sermões são considerados primários, a adoração é reduzida à habilidade musical e à organização dos elementos do serviço litúrgico”⁹.



como atividades “preliminares”. Os opositores, por sua vez, não se renderam enquanto o movimento ganhava força e popularidade. Alguns, como Albert Mohler, disseram: “A música preenche o espaço da maioria dos cultos evangélicos, e grande parte dessa música vem na forma de coros contemporâneos, marcados com precioso conteúdo teológico... [enquanto] muitas igrejas evangélicas parecem intensamente preocupadas em reproduzir apresentações musicais com qualidade de estúdio”, e acrescentou que essas mudanças estilísticas “infelizmente contribuíram para o atrito e, às vezes, até dividiram as igrejas”.¹⁰

também afirma que “adoração contemporânea é um paradoxo. Biblicamente, adoração é o que os anjos e as estrelas da manhã fizeram antes da criação.”¹³

Outros, como David Williams, opinam que “quando a música de adoração é determinada pelas nossas preferências, nós nos entronizamos”.¹⁴

Mesmo as igrejas tradicionais, em que o estilo musical continua sendo hinos e cânticos, não escapam do debate. As pressões, a diminuição da participação e do apoio financeiro, fazem com que muitos se rendam, mesmo sob coação, à nova onda em que a música é mais dominante do que a pregação.¹⁵

“fazer reverência, reverenciar” e “é usado como uma atitude de respeito ou reverência”,¹⁷ na batalha entre pregação e música, ambos protagonistas e antagonistas estão adorando “o que” eles fazem ou não sabem. Nenhum dos grupos está adorando o “Quem” está implícito (ou seja, o Pai). Se o fizessem, jamais iriam permitir que essa controvérsia provocasse divisão ou prejuízo à igreja em sua missão de salvar os perdidos.

Infelizmente, “convencidos da importância da pregação, alguns pregadores erroneamente se declaram os mais importantes veículos da adoração. Investindo todo o seu esforço na produção de sermões e alegando sua importância na proclamação do evangelho, eles podem colocar de lado a adoração como questão secundária”, afirma Michael Quicke. Em sua arrogância, tais pregadores “veem o sermão como ‘uma espécie de transatlântico homilético, precedido por alguns rebocadores litúrgicos’”.¹⁸ Quicke cita John Killinger, que diz: “Não há substituto para a pregação na adoração. Ela fornece o impulso proclamador sem o qual a igreja nunca é formada e a adoração nunca acontece.”¹⁹

Pastores que relegam tudo, exceto a pregação, para a gaveta de baixo das preliminares, afirma Quicke, refletem visões míopes de pregação e adoração. “Muitas vezes, sem perceber quão limitada sua visão se tornou, a pregação míope perde de vista a perspectiva de Deus na adoração.” Ele também observa que “a pregação míope é marcada por certas características.”²⁰ “abordagens errôneas; teologia de adoração frágil; uso indireto das Escrituras; amnésia litúrgica; ambivalência em relação à música; e sermões irreverentes”.²¹

Apelo para uma nova adoração

Visto que a pregação representa papel preponderante em apoio à música e outras adições contemporâneas à adoração, como podem aqueles que estão buscando conhecer Jesus saber sobre Ele sem que a Palavra de Deus lhes seja pregada (Rm 10:14, 15)? Por outro lado, por que a

A adoração contemporânea tem se tornado antropocêntrica, em vez de teocêntrica e cristocêntrica. Tradições e favoritismos não são diretrizes divinas para o conteúdo nem para a prática da adoração.

T. David Gordon previu acertadamente o declínio iminente da música de adoração contemporânea.¹¹ Os hinos eram/são comparativamente ruins, porque uma geração não pode competir com 50 gerações de escritores de hinos; os compositores perceberam quão difícil é escrever letras que não sejam apenas teologicamente boas, mas significativas, apropriadas e edificantes; não é “vantagem ter parte ou o total do serviço de adoração em uma linguagem contemporânea”, como a maioria das igrejas fazem agora;¹² como todas as novidades, uma vez que a novidade desaparece, o que frequentemente sobra parece um pouco vazio; e a música é dirigida por equipes de louvor para um público difícil de orientar. Gordon

Um novo fenômeno?

Antes ainda do estabelecimento da igreja, a mulher samaritana, junto ao poço de Jacó, discutiu com Jesus sobre o local de adoração. Ela argumentou: “Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar” (Jo 4:20). A resposta de Jesus deve fazer com que todos os que se degladiam quanto à adoração abaixem suas armas: “Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura” (Jo 4:23).

É claro que “a adoração a Deus será libertada da escravidão do lugar”¹⁶, mas podemos antecipar que ela irá se perder nas guerras sobre estilo e conteúdo? Uma vez que o termo *proskuneo* (adoração) significa

pregação deve dominar a adoração, se a música tem o poder de tocar a alma com precisão e emoções tão surpreendentes?

Deus criou o mundo com Sua palavra (Gn 1; Hb 11:3); revelou-Se ao mundo e à humanidade como a Palavra (Jo 1:1; 1Tm 3:16; 2Pe 1:21); realiza Suas obras (Jo 9:4) de redenção, reciação, reconciliação e restauração por meio da Palavra (Mt 9:22; Mc 5:8; Lc 4:39; Jo 11:43); e converte pessoas pela Sua Palavra (1Pe 1:23).

Uma pesquisa realizada em 2002 pelo Instituto Barna, nos Estados Unidos, concluiu que os participantes das chamadas “guerras sobre adoração” ignoram o assunto real da adoração: “A maioria das pessoas que brigam por sua preferência musical o faz porque não entende a relação entre música, comunicação, Deus e adoração. Elas fomentam o problema, concentrando-se em como agradar as pessoas com música ou oferecer estilos de música para satisfazer os gostos de todos, em vez de lidar com a questão de maior relevância [...] e investir em promover uma adoração fervorosa a um Deus santo e digno.”²²

Existe um anseio angustiante por uma “pregação ardente”. Não com uma linguagem “ameaçadora, cruel, bárbara nem alarmante”. Não no sentido de gritos, expressões faciais assustadoras e temor. “[A] palavra ardente tem os seguintes sinônimos: robusta, intensa, forte, poderosa, apaixonada, fervorosa, enfática, precisa.”²³ Ela deve ser a espinha dorsal da pregação profética – dizer a verdade com poder e desafiar o status quo – que nutre, alimenta e confere relevância e criatividade para equilibrar o modelo prevalecente de pregação.


Se a pregação continuar a recuar ou for relegada ao status de “atividades preliminares”, uma série de inovações questionáveis surgirá para ocupar seu lugar. Hoje é a música contemporânea, mas quem sabe o que o amanhã trará? No entanto, lutar por preferências na adoração não é a resposta ungida pelo Espírito Santo para resolver essas tensões.

A adoração contemporânea tem se tornado antropocêntrica, em vez de teocêntrica e cristocêntrica. Tradições e favoritismos não são diretrizes divinas para o conteúdo nem para a prática da adoração. Somos chamados para adorar o Senhor em espírito e verdade.

Não devemos minar a pregação a fim de substituir o evangelismo pelo entretenimento, sob o pretexto de tornar a adoração interessante e empolgante para atrair os não convertidos. O entretenimento é sedutor e atraente; no entanto, nas palavras de Robert Godfrey: “Devemos lembrar que entretenimento não é evangelismo.” As pessoas não são convertidas por um comediante no púlpito, um grupo dançante de louvor, nem pela euforia de uma banda fantástica, mas pelo evangelho de Jesus Cristo.

A adoração protestante tradicional sempre foi mais rígida em relação à reverência e pode parecer mecânica, formalista e sem emoção para alguns em nossa cultura, movida pela mídia e obcecada por ações. Outros podem enxergar a adoração contemporânea, com seu entusiasmo e alegria, muito focada na diversão e euforia à custa da reverência.

Conclusão

Recomendo aos defensores de ambas as abordagens avaliar se o conteúdo de sua adoração tem mantido o equilíbrio bíblico em que a pregação é a lâmpada para os pés dos adoradores (Sl 119:105) e a música os tem direcionado às obras salvíficas de Deus – de redenção, reconciliação e restauração. E, desse modo, colocar um fim na “batalha” que eles têm travado, transformando as batidas de suas espadas, do que eles sabem ou não sabem, em arados (Is 2:4) para cultivar uma nova era de pregação e adoração cristã. Então, o mundo saberá que Jesus é o Senhor, por causa do nosso amor uns pelos outros (Jo 13:35). 

Referências

¹ Textos bíblicos são da *Nova Versão Internacional*.

² R. Laird Harris, ed., *Theological Wordbook of the Old Testament* (Chicago, IL: Moody Press, 1980), v. 2, p. 810.

³ W. E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words* (Westwood, NJ: Fleming H. Revell Company, 1966).

⁴ Samuel Macauley Jackson, ed., *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia of Religious Knowledge* (Nova York: Funk and Wagnalls, 1911), v. 9, p. 159.

⁵ *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia*, v. 9, p. 159.

⁶ *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia*, v. 9, p. 159.

⁷ *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia*, v. 9, p. 160.

⁸ *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia*, v. 9, p. 161.

⁹ Michael J. Quicke, *Preaching as Worship: An integrative approach to formation in your church* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2011), p. 32.

¹⁰ Albert Mohler, “Expository Preaching – The Antidote to Anemic Worship”, <www.albertmohler.com/2013/08/19/expository-preaching-the-antidote-to-anemic-worship/>.

¹¹ T. David Gordon, “The Imminent Decline of Contemporary Worship Music: Eight Reasons”, <secondnaturejournal.com/the-imminent-decline-of-contemporary-worship-music-eight-reasons>.

¹² Malcolm Gladwell, *The Tipping Point: How little things can make a big difference* (Nova York: Little, Brown and Company, 2000).

¹³ Quicke, *Preaching as Worship*, p. 30.

¹⁴ Professor de Música e Adoração no Seminário Teológico Adventista.

¹⁵ David Williams.

¹⁶ Archibald Thomas Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville, TN: Broadman Press, 1960), v. 5, p. 66.

¹⁷ Vine, *An Expository Dictionary*, p. 235.

¹⁸ Quicke, *Preaching as Worship*, p. 28.

¹⁹ Quicke, *Preaching as Worship*, p. 28.

²⁰ Quicke, *Preaching as Worship*, p. 39.

²¹ Quicke, *Preaching as Worship*, p. 40-59.

²² “Focus on ‘Worship Wars’ Hides the Real Issues Regarding Connection to God”, <www.barna.org/component/content/article/5-barna-update/45-barna-update-sp-657/85-focus-on-qworship-warsq-hides-the-real-issues-regarding-connection-to-god>.

²³ Susan Scott, *Fierce Conversations: Achieving success at work and in life, one conversation at a time* (Nova York: Berkley Books, 1999), p. 7.

HYVETH WILLIAMS

professora de Homilética no Seminário de Teologia da Universidade Andrews, Estados Unidos



O QUARTO REINO

Daniel 7 e a interpretação adventista

Clacir Virmes Junior
e Isael Costa

Algumas pessoas no meio adventista têm defendido a posição de que a única ou principal maneira de identificar os poderes correspondentes aos símbolos das profecias de Daniel, especialmente a do capítulo 7, é por meio das citações encontradas nos livros de Ellen White. Elas alegam

que não é possível entender as visões de Daniel somente pela Bíblia. Entre esse grupo estão os que usam tal pretexto para confirmar o dom profético de Ellen White. Essa interpretação resulta da compreensão equivocada das profecias, da história da igreja e da função da manifestação profética moderna.

Neste artigo, procuramos analisar e fundamentar três conceitos. Primeiro, que a identificação dos poderes simbolizados pelos animais de Daniel 7, especialmente o quarto animal, pode ser feita considerando

somente as informações bíblicas, sem a necessidade de se fundamentar nos comentários de Ellen White. Segundo, que os pioneiros adventistas chegaram à mesma conclusão somente por meio do estudo da Bíblia. Terceiro, que a própria Ellen White não se via como intérprete final da Bíblia.

O quarto animal de Daniel 7

Daniel 7 apresenta uma sequência de cinco reinos, sendo o último o reino de Deus. O capítulo se divide em duas seções, uma é a visão (Dn 7:1-14) e, a outra, sua interpretação (Dn 7:17-27). Os quatro animais que aparecem na visão representam quatro reinos que se levantaram da Terra (Dn 7:17, 23).

Uma leitura detalhada do livro mostra a similaridade entre as visões e sonhos descritos nele. Informações sobre esses reinos aparecem em quatro capítulos de Daniel



(Dn 2, 7, 8 e 11). Eles descrevem a ascensão e queda sucessivas desses reinos que culmina com a manifestação e o estabelecimento do reino de Deus. A repetição do reino de Deus em cada capítulo sugere que os outros reinos mencionados também são recorrentes, de modo que cada bloco se apresenta como uma repetição acrescida de novos detalhes e ênfases em relação ao bloco anterior. Assim, tem sido praticamente unânime a posição de que Daniel 7 corresponde simetricamente ao capítulo 2, acrescido de novas informações.

Indispensável para a identificação do quarto reino de Daniel 7 é reconhecer sua correlação com o restante do livro. O único reino expressamente declarado aqui é o reino de Deus. No entanto, a repetição desses reinos ampliada em seus detalhes, que aparece nos outros capítulos de Daniel, ajuda a identificá-los. Por exemplo, em Daniel 2:37 e 38, o reino de Babilônia é descrito como sendo o primeiro numa sequência de cinco reinos. Daniel 5:28 e 31 revela que o reino que sucederia o babilônico seria o da Medo-Pérsia. Daniel 8:20 e 21 informa que a Medo-Pérsia seria derrotada pela Grécia. O reino grego, por sua vez, seria substituído por um rei (reino) “de feroz catadura”, o qual será destruído “sem esforço de mãos humanas” (Dn 8:23, 25, ARA). Essa frase ecoa o evento catastrófico provocado pela vitória e pelo estabelecimento do reino de Deus, a rocha de Daniel 2:34 e 45. Ao longo do livro, o quarto reino, diferentemente dos outros, não é nomeado. O quarto animal é a representação de um governo humano que, tão logo substituiu o terceiro reino, permaneceria até que o reino de Deus o destruísse.

Considerando as informações do contexto: (1) o quarto reino de Daniel 7 viria após o reino da Grécia (168 a.C.) e seria mais forte do que ele; (2) sofreria uma divisão (simbolizada pelos dez chifres/reinos de Dn 7:24); (3) subsistiria como um poder religioso, representado pelo chifre pequeno, que perseguiria os santos do Altíssimo por um período de tempo; (4) modificaria

os Dez Mandamentos; e (5) seria destruído na manifestação do reino de Deus (Dn 7:20-22, 25, 26). Quanto à expressão “cuidará em mudar os tempos e a lei”, é importante destacar que o termo aramaico *dat*, traduzido por “lei” em Daniel 7:25, aparece uma única vez no Pentateuco, em Deuteronômio 33:2. Sua ligação com essa passagem mostra que a mudança não se refere à lei (*torah*) como um todo, mas aos Dez Mandamentos. Já o termo “tempos”, do aramaico, *zeminin*, que também seria mudado, refere-se a um tempo estabelecido, fixado, que se repete. O resultado inevitável dessa mudança foi a alteração do sábado semanal, período de tempo fixado, estabelecido, que se “repete” nos Dez Mandamentos.

Podemos concluir pelas evidências textuais que nenhum reino, nas profecias de Daniel, preenche tão adequadamente essas descrições quanto o Império Romano. Ele se estabeleceu logo após a queda do reino da Grécia. Primeiramente em sua fase imperial e, depois, como poder religioso opressivo por meio da Igreja Romana. Ele exercerá influência e domínio global até a manifestação do reino de Deus, por ocasião da segunda vinda de Cristo.

A interpretação dos pioneiros

Nesta seção, destacamos três pioneiros do movimento adventista e como eles apresentaram a profecia de Daniel 7 em suas obras publicadas. Começamos com Guilherme Miller. Em 1836, cerca de oito anos antes de Ellen White receber seu chamado para ser a mensageira do Senhor,¹ Miller publicou o livro *Evidence from Scripture and History of the Second Coming of Christ, About the Year 1843*. Fruto dos anos de estudo pessoal da Bíblia, esse livro foi uma exposição de suas conclusões quanto às profecias de Daniel e como elas apontavam para o iminente retorno de Cristo.

No terceiro capítulo, Miller apresentou a maneira como interpretava a profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14. Antes de chegar a essa explicação, ele

comparou as grandes profecias de Daniel 2, 7 e 8, e como isso pôde ajudá-lo a interpretar cada uma delas. Seu entendimento quanto a Daniel 7:19 e 20 foi: “Nesses versos aprendemos que o quarto animal seria diverso [i.e., diferente] dos outros. Isso foi verdade com Roma.” Em seguida, avançando para o significado do chifre pequeno, ele declarou: “Essa descrição não pode se aplicar a qualquer outro poder a não ser à Igreja de Roma.”²

Em 1855, Tiago White publicou o livro *The Four Universal Monarchies of the Prophecy of Daniel, and God's Everlasting Kingdom*. O pequeno volume de 48 páginas, dividido em três seções, é uma exposição dos capítulos 2, 7, 8 e 9 de Daniel. Quanto à identificação do quarto animal, ele escreveu: “Não há senão pouca disputa sobre o que é simbolizado pelo quarto reino. Nenhum reino que já existiu sobre a Terra corresponderá a ele, exceto o reino [império] romano.”³ Mais adiante, identificando o poder retratado pelo chifre pequeno por meio das características descritas no texto bíblico, ele afirmou: “Deve ser admitido que tal poder se levantou e que ele é o Papado.”⁴ No artigo publicado na *Review and Herald*, em 17 de fevereiro de 1874, Tiago White apresentou as mesmas explicações tanto para o quarto animal quanto para o chifre pequeno de Daniel 7: “Essa besta representa o quarto império universal, que é Roma. Ela é a mesma besta simbolizada pela quarta, ou a parte de ferro da grande imagem metálica do capítulo 2 [de Daniel]. Roma corresponde à profecia na diversidade [i.e., diferença] dos outros reinos e na universalidade e tirania de seu governo férreo.”

O comentário de Uriah Smith conhecido como *Considerações sobre Daniel e Apocalipse* foi por longo tempo aceito como referência para a interpretação profética adventista. Sobre o quarto animal de Daniel 7, Smith escreveu: “Esse animal corresponde, naturalmente, à quarta divisão da grande imagem: as pernas de ferro. [...] Com que exatidão Roma correspondeu à

parte férrea da imagem! Com que precisão corresponde ao animal que temos diante de nós! Pelo espanto e terror que causou e por sua grande força, Roma correspondeu admiravelmente à descrição profética.”⁵

Comentando sobre o chifre pequeno de Daniel 7, Smith declarou: “Como esses chifres significam reinos, o chifre pequeno também deve denotar um reino, mas não da mesma natureza dos demais, porque é diferente dos outros que foram reinos políticos. Agora basta averiguarmos se desde 476 d.C. surgiu entre as dez divisões do Império Romano algum reino diferente de todos os demais; e se houve, qual foi? A resposta é: Sim, o reino espiritual do papado. Ele corresponde em todos os pormenores ao símbolo.”⁶

Poderíamos citar outros pioneiros, como Joseph Bates, John Andrews, Alonzo Jones, Stephen Haskell e William Spicer, que interpretaram Daniel 7 de maneira igual. Contudo, mesmo nessa breve exemplificação, duas coisas ficam claras. Primeiro, em nenhum momento os pioneiros usaram os escritos de Ellen White para identificar os poderes descritos na profecia de Daniel 7, nem em outras profecias bíblicas. Miller não poderia ter chegado às suas conclusões pessoais com o auxílio dos escritos de Ellen White, uma vez que o dom profético foi dado a ela anos depois das descobertas dele. Mesmo Tiago White e Uriah Smith, que conviveram lado a lado com ela, não usaram seus escritos como fonte para a explicação das profecias. Segundo, para chegar às suas conclusões, os pioneiros se fundamentaram no estudo do texto bíblico e da história universal. Olhando para as características bíblicas dos símbolos, eles buscavam no relato dos movimentos históricos os poderes retratados pelas profecias.

Ellen White e a interpretação da Bíblia

A relação entre a autoridade da Bíblia e a autoridade profética de Ellen White tem sido estudada por autores adventistas há muito tempo.⁷ É importante ressaltar que

a autoridade de Ellen White está subordinada à autoridade bíblica. Isso pode ser constatado tanto em suas declarações quanto em estudos sérios feitos por eruditos adventistas.

Por exemplo, nas palavras de Frank Hasel, “Ellen White tratou as Escrituras com respeito e deferência ao longo da vida e valorizava a autoridade da Bíblia acima de qualquer outra, incluindo seu ministério profético”.⁸ Ela “não se elevava a uma posição em que, com seus dons proféticos, ela se considerasse como a fonte autorizada para a interpretação das Escrituras. Em vez disso, ela afirmava, vez após outra, o grande princípio protestante.”⁹ Além disso, Ellen White “não assumia o papel de ser a intérprete oficial das Escrituras, mas encorajava os outros a serem estudiosos diligentes das Escrituras por conta própria.”¹⁰ Em suas palavras: “O Senhor deseja que estudemos a Bíblia. Ele não deu nenhuma luz adicional para tomar o lugar de Sua Palavra. Esta luz [o dom de profecia] deve conduzir as mentes confusas à Sua Palavra.”¹¹ Ela também declarou: “Se há um ponto da verdade que não compreendem, com o qual não concordam, investiguem, comparem com outro. Adentrem bem fundo na mina da verdade da Palavra de Deus. Coloquem tanto vocês quanto suas opiniões no altar do Senhor, abandonem as ideias preconcebidas e deixem que o Espírito os dirija em toda a verdade.”¹² “A Bíblia é seu próprio expositor. Uma passagem será a chave que esclarecerá outras passagens, e deste modo haverá luz sobre o significado oculto da Palavra. Comparando diversos textos que tratam do mesmo assunto e examinando sua relação em todo o sentido, o verdadeiro significado das Escrituras se torna evidente.”¹³

Conclusão

Se queremos ser fiéis aos conselhos dados por Ellen White, a Bíblia deve ter primazia em nosso relacionamento com Deus. A escritora foi fundamental para o nascimento e desenvolvimento do movimento

adventista, mas ela nunca se colocou no lugar das Sagradas Escrituras. Desde suas raízes mileritas, o adventismo nasceu como o movimento do “Livro”, isto é, da Bíblia, e não dos “livros”. Se queremos estar afinados com nossa herança denominacional, se queremos ser “adventistas históricos”, nada melhor do que nos voltarmos para a Bíblia como única fonte de fé e prática. **M**

Referências

- ¹ Ellen White recebeu sua primeira visão em dezembro de 1844. A data exata não é conhecida (Arthur L. White, *Ellen G. White: The Early Years, 1827-1862* [Washington: D.C., Review and Herald, 1985], p. 55).
- ² William Miller, *Evidence From Scripture an History of the Second Coming of Christ, About the Year 1843* (Brandon, VT: Vermont Telegraph, 1833), p. 42.
- ³ Uriah Smith, *Considerações sobre Daniel e Apocalipse*, 2ª ed. (Engenheiro Coelho: SP, Centro White Press, 2014), p. 68, 69.
- ⁴ James White, *The Four Universal Monarchies of the Prophecy of Daniel, and God's Everlasting Kingdom* (Rochester, NY: Advent Review), p. 29.
- ⁵ White, *The Four Universal Monarchies*, p. 30.
- ⁶ Smith, *Considerações sobre Daniel e Apocalipse*, p. 73.
- ⁷ Denis Kaiser, “Ellen G. White's Role in Biblical Interpretation: A Survey of Early Seventh-day Adventist Perceptions”, *Reflections* 60 (2017), p. 1-6.
- ⁸ Frank M. Hasel, “O Uso das Escrituras por Ellen White”, em *Quando Deus Fala*, eds. Alberto R. Timm e Dwain N. Esmond (Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 2017), p. 351, 352.
- ⁹ Hasel, *Quando Deus Fala*, p. 353.
- ¹⁰ Hasel, *Quando Deus Fala*, p. 354.
- ¹¹ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 3, p. 29.
- ¹² Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, (Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 476.
- ¹³ Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 187.

CLACIR VIRMES JUNIOR

professor de Novo Testamento na Faculdade Adventista da Bahia



ISAAEL COSTA

professor de Antigo Testamento na Faculdade Adventista da Bahia



Paulo Nogueira

TAREFA INDISPENSÁVEL

Um plano sugestivo para tornar mais eficiente seu ministério de visitação

Após o encontro que teve com Jesus, Pedro parece ter levado a sério a ordem enfatizada por Cristo três vezes: "Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21:17). Em sua primeira carta, ele aconselhou aos presbíteros: "pastoreai o rebanho de Deus que há entre v s, [...] tornando-vos modelos do rebanho" (1Pe 5:2, 3). Entendo que, ao vivenciarmos o ministério de visita o na prática, damos bom exemplo ao nosso rebanho e despertamos nos anciãos, diáconos, diaconisas e outros líderes a necessidade de se unirem conosco nessa missão. Para evidenciar a necessidade de reavivarmos essa atribui o pastoral, em 2012 fiz um estudo envolvendo

pastores e membros de dois campos da região sudeste, para descobrir detalhes sobre o ministério da visita o. A pesquisa foi feita por amostragem, em congregações com até 100 membros, de 100 a 499 membros e com mais de 500 membros.

Entre outros dados, a pesquisa identificou que, independentemente do tamanho da congregação, idade ou escolaridade dos membros, 96% das pessoas entendem

que a visita pastoral   importante. Por outro lado, quando os participantes tiveram que responder se haviam recebido alguma visita pastoral nos últimos três anos, apenas 38% disseram que sim; 59% afirmaram que não; e 3% não responderam.

Quanto aos pastores, a amostra foi composta por ministros com até quatro anos de trabalho, entre 5 e 25 anos, e acima de 26 anos de ministério. Os dados indicaram que 94% dos pastores creem que a visita o   importante e necessária. Contudo,



82% dos ministros não têm um plano sistemático de visitação. Quando perguntados, em uma escala de 0 a 5, que posição a visitação pastoral ocupava em seu trabalho, 54% atribuíram 3, indicando prioridade média; 37% atribuíram 4; e 9% não responderam. Assim, nota-se que a maioria dos pastores considera essa tarefa importante; contudo, ela não se encontra em uma posição elevada em seu ranking de atividades.

Atividade intencional

Ao longo do tempo, considerando a relevância do ministério da visitação, comecei a sistematizar essa atividade ministerial, desempenhando-a com propósitos bem definidos. Esse trabalho começa comigo, quando visito todos os membros. Em seguida, conscientizo os anciãos, capacitando-os e inspirando-os a visitar também. Como resultado, essa prática alcança os membros, levando-os a visitar uns aos outros e a ser mais acolhedores com as visitas. Assim, desenvolvi um plano de visitação, que gostaria de compartilhar a seguir:

Passo 1 – No primeiro ano de trabalho, faço um planejamento e dedico muito tempo à visitação de todos os membros do distrito ou da igreja. Essa é uma visita de reconhecimento. Começo visitando os anciãos; depois, os membros da comissão; em seguida, outros oficiais locais. Por fim, visito os idosos e demais membros.

Nessa primeira visita, prefiro não estar acompanhado de nenhum líder local, para que o membro se sinta mais à vontade. Minha esposa tem me acompanhado na maior parte dessas visitas. Caso tenha necessidade de companhia, peça a ajuda de um irmão piedoso e consagrado para acompanhá-lo.

Passo 2 – Na primeira visita, faço algumas perguntas básicas. Por meio delas, consigo ter um quadro geral da igreja. São elas:

- 1) Como foi sua conversão?
- 2) Em caso de casais: Como se conheceram? Quanto tempo têm de casados? Quantos filhos?

3) Qual é sua ocupação? Onde trabalha? O que levou você a optar por essa carreira profissional?

4) Qual é seu ministério na igreja? O que levou você a frequentar a igreja onde está? Está satisfeito com a igreja? Sente-se parte dela? Qual é a grande virtude da igreja em que congrega?

Essas perguntas não devem ser feitas em forma de interrogatório, mas naturalmente, à medida que o diálogo flui. As informações obtidas podem ser anotadas em uma agenda ou aplicativo digital. Além de ajudá-lo a conhecer melhor as pessoas, esses dados podem contribuir para a atualização da secretaria da igreja.

Passo 3 – Dependendo do tamanho da família, essa visita não deve passar de uma hora a uma hora e meia. Antes da oração final, leio um texto bíblico e dou a oportunidade para que cada pessoa expresse seus desejos e sonhos, garantindo que passarão a orar por elas.

Tenho um caderno no qual anoto esses pedidos. Digo que cada membro da família pode colocar até três itens ali. Se for algo objetivo, peço que me avisem quando Deus atender e compartilhem outro pedido para ser colocado no lugar desse. Isso cria um vínculo de intercessão entre o pastor e seu rebanho. Duas vezes ao dia, em meus momentos devocionais, intercedo pelos pedidos anotados. Costumo dizer: “Minha visita vai terminar, mas minha intercessão por vocês, não.”

Então, peço que orem por mim, minha família e meu ministério. Solicito também a cooperação deles para levarmos adiante a obra do Senhor. Depois, oro pela família, incluindo na oração os pedidos que foram feitos. Também menciono os vizinhos da família visitada e seus familiares não adventistas. Com isso, aponto intencionalmente a visão missionária de meu ministério. Estou ali para abençoá-los, mas quero que eles abençoem a igreja e a comunidade em que estão inseridos.

Em algumas ocasiões, os membros insistem em apresentar questões graves que

se relacionam à igreja. Quando isso ocorre, digo que estou chegando e precisarei de mais tempo para entender esses problemas. Além disso, peço que orem pela situação. Se for alguma dificuldade da própria família, ouço com atenção e intercedo diante de Deus em oração.

A família visitada pode estar tão carente do cuidado pastoral que aproveita para se abrir. A maior parte quer apenas atenção. Não espera que o pastor solucione seus problemas, quer apenas que ouça com empatia. Em outros casos, a família ainda não confia no pastor; por isso, não fala tanto sobre os problemas dela.

Na primeira visita, eu me convido para visitá-los, insisto em estar com eles e faço o agendamento pessoalmente. Nas demais, deixo claro aos membros que eles terão que solicitar a visita, quando houver necessidade. Isso é feito por meio da secretaria da igreja. Adoto essa estratégia considerando o papel importante que o ancionato ocupará no ministério da visitação.

Passo 4 – Quando estou finalizando as visitas, convido anciãos e esposas para uma reunião. Nesse encontro, compartilho com eles o sonho de ver a igreja bem cuidada. Procuro motivá-los a fazer o trabalho de visitação de maneira sistemática e intencional. Apresento-lhes um pequeno relatório das visitas que fiz. Geralmente, eles se manifestam, testemunhando como foi boa a visita que receberam.

Então, desafio cada ancião a assumir determinado número de famílias para pastorear e estabelecer entre elas um pequeno grupo. Marco uma reunião com eles para dividirmos a igreja em regiões geográficas ou por afinidade. Dessa maneira, como líderes, damos um grande passo para solidificar o ministério de visitação.

Passo 5 – Os anciãos recebem a lista de famílias pelas quais serão responsáveis nos próximos anos. Assim, cada família terá um ancião que vai pastoreá-la e levá-la a viver em comunhão, valorizar os relacionamentos e se apaixonar pela missão.

Em um culto de sábado, chamo os anciãos à frente com as esposas e filhos para interceder por eles e informar à igreja de que o ancionato fará o trabalho de visitação. Os membros precisam entender e aceitar que o ancião é um copastor, e que a visitação faz parte de seu trabalho.

Trimestralmente, eu me reúno com os anciãos para avaliar como estão sendo feitas as visitas e qual é o estado das ovelhas. Nesses encontros, eles compartilham situações com as quais não conseguiram lidar. Quando necessário, eu agendo uma visita à família e vou com eles para prestar a ajuda adequada. Geralmente, são casos de conflitos familiares, quebra de princípios bíblicos e questões doutrinárias.

Algo muito importante nesse processo é que o ancião esteja bem orientado e motivado a promover algumas ações com as ovelhas de seu rebanho: (1) um pequeno grupo semanal ou quinzenal, (2) atividades sociais e (3) atividades espirituais e missionárias.

Enquanto vivem o pastoreio, os anciãos são capacitados e se sentem apoiados para cumprir seu ministério. Esse modelo os desafia a buscar o poder do Espírito Santo. Sem consagração, eles não terão a força que essa missão requer. Consequentemente, isso resulta em crescimento pessoal e congregacional.

Vantagens do plano intencional

À medida que coloquei esse plano em prática, meu ministério adquiriu novo fôlego. Tenho visto mais crescimento pessoal no ancionato e novo vigor espiritual na igreja. Os bons resultados qualitativos e quantitativos fazem com que eu acredite nessa visão. Ao longo do tempo, observei algumas vantagens importantes do plano de visitação intencional.

Desperta na igreja o desejo de cooperar mais. Ao colocar em prática o plano intencional de visitação, é possível encontrar famílias que não foram visitadas há anos. Uma parte nunca recebeu uma visita pastoral. Isso poderá resultar na construção de um relacionamento saudável com

essas pessoas. Muitas delas, movidas por gratidão, estarão mais dispostas a apoiar seu ministério e trabalhar pela igreja.

Melhora a compreensão sobre o trabalho pastoral. Uma colega de nossa filha disse à sua mãe: "Eu queria ter um pai como o da Ellen. Ele só trabalha aos sábados!" A mãe dela nos contou essa história. Aproveitei a oportunidade e, quando os visitei pela primeira vez, eles puderam entender que eu não trabalhava apenas aos sábados. Pastores e anciãos que visitam ajudam a igreja a compreender a grandeza e o alcance do ministério pastoral.

Amplia a ligação com as famílias. Quantas pessoas não cristãs da família você conhece e passa a se relacionar por meio da visitação! Trabalhei em uma igreja na qual o número de mulheres cujos esposos não eram adventistas era muito grande. Conversei com elas sobre os *hobbies* e preferências pessoais de seus maridos. A partir das informações que obtive, estreitei a amizade com eles, com base em assuntos que lhes fossem interessantes. Pela graça de Deus, batizei muitos deles.

Desperta o espírito missionário. Nas visitas, podemos fomentar o espírito missionário na vida dos membros da igreja. Essa é a oportunidade de perguntar sobre seus interesses e a lista de pessoas por quem estão intercedendo e trabalhando pela salvação. Ao agir assim, nos colocamos à disposição para ajudar os membros da igreja a ganhar pessoas para Cristo.


Ajuda a conter falsas doutrinas, apostasias e dissidências. Muitos de nossos problemas não são doutrinários, mas de carência afetiva. A visitação pode suprir essa necessidade e, ao mesmo tempo, nutrir os membros da igreja para que não sejam "agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina" (Ef 4:14). O espírito denominacional é cultivado no trabalho intencional de visitação.

Torna-se uma fonte de inspiração para sermões. Muitas ideias e ilustrações de meus sermões provêm da visitação. Haddon Robinson afirmou: "Os pastores

que visitam e conhecem as necessidades de seu rebanho têm uma grande vantagem. Passam a conhecer suas dores, seus problemas e questionamentos. Considero isso vital para a eficácia de sua pregação. As pessoas da sua congregação precisam saber que são amadas por você. Que você deseja o melhor de Deus para elas. Ao agir assim, elas captarão algo em sua pregação e darão ouvido à Palavra que você pregar a elas. Isso é vital e essencial."¹

Estimula o ancionato ao pastoreio local. Em muitas igrejas, o ancião dedica a maior parte do tempo a assuntos administrativos e litúrgicos. É preciso restaurar a visão de que ele é um pastor local. Em meu ministério, enfatizo muito isso. Não que outros aspectos da igreja não mereçam atenção; contudo, o trabalho primordial do ancião é me ajudar a cuidar dos membros da igreja e conquistar pessoas para Cristo. À semelhança do pastor distrital, o ancião tem sob seus ombros a responsabilidade de zelar pelo rebanho do Senhor.

Conclusão

Concordo com Jay Adams quando ele afirma que precisamos andar menos pelos corredores da igreja, realizar menos reuniões e programas, e andar mais em direção aos lares dos irmãos e às ruas da cidade, visitando a comunidade que nos cerca.² Tenho dito para os anciãos que se fizerem essa obra no espírito de Cristo com perseverança, dedicação e comprometimento, os frutos virão. Façamos nossa parte e deixemos os resultados nas mãos de Deus! 

Referências

¹ Haddon W. Robinson, "O sermão que transforma vidas", *Ministério*, jan/fev 2015, p. 6.

² Jay Adams, *Shepherding God's Flock* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974), p. 77.

PAULO NOGUEIRA
pastor em Uberlândia, MG



QUASE MATEI MINHA ESPOSA

Dicas para preservar a saúde
do relacionamento conjugal

Gábor Mihalec

Eu era jovem, ingênuo e inexperiente. Havia me casado há pouco mais de três anos e me tornado pai do nosso primeiro filho. Minha esposa, Dora, também era uma jovem que estava realizando o sonho de ser mãe. Eu me dedicava totalmente ao pastorado, cuidando das minhas igrejas e servindo a Deus em tempo integral. Naquela época, meu entendimento era de que se eu me entregasse completamente ao serviço do Senhor, Ele cuidaria da minha família.

Minha rotina habitual consistia em sábados repletos de atividades, fazer visita, ministrar classes bíblicas, realizar séries de evangelismo e outras diversas atividades pastorais. De repente, mudanças dramáticas aconteceram na vida da minha esposa. Em poucos meses, seu peso caiu de 60 para 38 quilos. Ela começou a ficar muito retraída e quieta. Chorava a todo instante e se tornou incapaz de cuidar do nosso filho e da casa. Eu literalmente vi que ela estava morrendo. Foi um choque para mim. Imediatamente, reconheci que, em

grande parte, eu era o culpado. Isso serviu de alerta para me despertar.

Olhando duas décadas atrás para essa experiência angustiante, posso ver claramente a mão condutora de Deus em nossa história. Ele queria nos proporcionar uma vida familiar realizada e feliz a fim de podermos ajudar outros casais. No entanto, minha teimosia pela perfeição no desempenho do pastorado, muitas vezes, frustrava o que Deus desejava fazer por meio de nós. A seguir, compartilho cinco lições que aprendi.

Prioridades corretas

Você já se sentiu em meio a um fogo cruzado de expectativas conflitantes? Deus o chamou para ser pastor. Mas, ao mesmo tempo, Ele também lhe deu uma família, fazendo de você o guardião do bem-estar físico, emocional e espiritual dela. Certamente, todos já tivemos momentos em que sentimos que essas dídivas do Senhor se opunham uma à outra. Priorizar uma delas pode nos fazer pensar que estamos negligenciando a outra.

A verdade é que Deus não joga conosco.¹ Ele jamais nos daria um presente para ser destruído por outro que também veio

Dele. Se existe algum conflito entre as dídivas que o Senhor nos concede é porque nós não estamos entendendo Seu plano.

Depois que passamos pela crise, no início do ministério, tomamos uma decisão importante. A família deve estar em primeiro plano, e a igreja, em segundo. Ellen White escreveu de maneira bastante enfática: “Uma família bem estruturada, bem disciplinada, fala mais em favor do cristianismo do que todos os sermões que possam ser pregados. [...] A maior prova do poder do cristianismo que se pode apresentar ao mundo é uma família bem ordenada, bem disciplinada. Isso recomendará a verdade como nenhuma outra coisa o poderá fazer; pois é um testemunho vivo de seu poder prático sobre o coração.”²

Em realidade, às vezes, tomar essa decisão dificulta nossa vida. Em várias ocasiões, tive que dizer não a certas demandas em meu ministério. No entanto, sinto-me agradecido pelos líderes que sempre compreenderam minhas intenções, e a Deus que nunca deixou de abrir novas portas para mim.

Tempo para a família

Lembro-me de que num domingo, enquanto tomávamos o jejum, meu celular tocou. O primeiro instinto foi atender a ligação, mas depois me lembrei da decisão de colocar a família em primeiro lugar. Eu continuei comendo com minha esposa e meu filho. Não consigo esquecer a expressão de surpresa no rosto do meu filho. “Papai, seu telefone está tocando”, ele disse. “Você não vai atender?”

“Estou tomando café da manhã com as pessoas mais importantes do mundo”, respondi. “O que poderia ser mais importante que isso?” Eu não sou orgulhoso, mas senti orgulho naquele dia.

Esse foi o começo de uma nova era para mim. Com o passar do tempo, os membros

das minhas igrejas se conscientizaram de que não era preciso preocupar o pastor a todo momento com situações sem importância. Eles começaram a respeitar e valorizar meu tempo com a família. Por outro lado, eu também desenvolvi o entendimento de que se algum membro da igreja me liga ou me procura em meu dia de descanso ou tarde da noite, o assunto deve ser de grande importância, e eu prontamente devo atender.

Assim como nos mantemos atentos à agenda de compromissos pastorais e ao calendário eclesiástico, precisamos dar atenção ao tempo para estar com a família. Devemos também reservar um tempo sem os filhos para nutrir o casamento. Kyle Benson, do Instituto Gottman, fundado pelo renomado conselheiro matrimonial John Gottman, observou que uma das diferenças significativas entre a alta e a baixa qualidade dos casamentos são as seis horas semanais que os casais passam juntos durante pequenas frações todos os dias.³

Ajuda profissional

Durante minhas sessões de aconselhamento, muitas vezes, tenho ouvido de pastores: “Por favor, não pergunte meu nome, porque se eles souberem que tenho problemas, posso perder meu emprego. Você pode somente ouvir minha história e me ajudar?”

É perigoso e desgastante ficar preso a esse tipo de situação. Se você vive sob a pressão de fazer tudo com perfeição, ser um líder invulnerável, que nunca está doente, não fica exausto nem esgotado, que está sempre cheio de novas ideias, sempre no topo, você está condenando

a si mesmo à hipocrisia. E se as coisas não derem tão certo? E se a esposa começar a reclamar de algum conflito não resolvido que vocês têm varrido para debaixo do tapete? E se o filho adolescente começar a usar drogas? E se a filha namorar uma pessoa não cristã? E se você se sentir vazio e sem ânimo para preparar sermões?

Será que seus administradores irão reconhecer seus problemas e permitir que você procure ajuda profissional? Será que a liderança das suas igrejas estará disposta a apoiá-lo? Em alguns lugares, sim, mas existem outros em que esse assunto é evitado.

Obter apoio da administração e da igreja é somente parte da questão. O outro lado da moeda é que o pastor deve buscar ajuda profissional sem se sentir impedido, envergonhado ou discriminado.

Problema no casamento, na família ou na saúde nunca é algo isolado. Esses problemas, geralmente, estão conectados a lutas espirituais e/ou medos existenciais. Será que a igreja continuará a me empregar se eu tiver problemas? Na minha família foi uma longa jornada até a recuperação total.

No entanto, por meio desse processo, aprendemos muito mais a respeito de Deus e sobre nós mesmos. Aprendizado esse que nenhuma instituição teológica poderia nos ter ensinado. Ao buscar ajuda profissional, percebi quantas possibilidades estão disponíveis para as pessoas que delas necessitam. Tive acesso a novas ferramentas que posso usar em meu ministério, além do que aprendi sobre aconselhamento pastoral.



Grupo de apoio

É muito difícil usar o chapéu de um super-herói espiritual. Muitas vezes nos encontramos em meio a expectativas irrealistas. A questão se agrava porque não queremos admitir quando não conseguimos. Tenho experimentado quão perigoso pode ser expressar nossos temores e medos ou abrir áreas de nossa vida que podem se reverter contra nós na avaliação ministerial.

Lembro-me da grande decepção que tive quando fui avaliado para ser ordenado. O presidente da Associação fez questão de trazer à tona particularidades das minhas lutas internas que eu havia compartilhado com um membro da igreja que julgava ser confiável. Existe algum lugar seguro em que os pastores possam se abrir? Tenho que admitir que não é fácil de encontrar. Mas se você não tem esse oásis, você é um sério candidato a sofrer de depressão.

Fiz uma pesquisa com pastores sobre o que eles faziam depois de um sábado cheio de atividades. Seis em cada dez pastores não queriam ver ou conversar com ninguém. Tudo o que mais desejavam era sentar e assistir a algum programa na TV. Essa era a maneira que encontravam para lidar com seus sentimentos e emoções, porque não tinham segurança para se abrir com ninguém sobre suas preocupações.

Se você vive sob a pressão de fazer tudo com perfeição, ser um líder invulnerável, que nunca está doente, não fica exausto nem esgotado, que está sempre cheio de novas ideias, sempre no topo, você está condenando a si mesmo à hipocrisia.

Então, qual é a solução? Bem, para mim, tem sido sair com mais dois colegas de ministério para fazer caminhada, praticar algum esporte e nos encontrarmos uma vez ou outra durante o ano para conversar até tarde. Isso requer planejamento e disposição, mas o esforço vale a pena. Ao me tornar uma pessoa mais calma e equilibrada, também me torno melhor esposo, pai e pastor.

Proteção do casamento

Como pastores, ocupamos posições que podem despertar pensamentos, emoções e até desejos sexuais nos membros, sem que haja nenhuma intenção deliberada de nossa parte.⁴ Esses pensamentos estão frequentemente ligados à influência e à consideração dada ao nosso status, bem como à atenção, bondade e interesse que dispensamos às pessoas como parte característica do nosso trabalho.

Pode acontecer facilmente que depois de uma hora de conversa pastoral, alguém tenha recebido mais atenção de nossa parte do que recebeu dos pais ou do cônjuge. Como terapeuta, os casos mais traumáticos que tenho visto nas sessões de aconselhamento são os que o pastor está envolvido em infidelidade conjugal. Para impedir que isso aconteça, é preciso estabelecer regras a fim de proteger os limites do casamento.

Tenho sempre por costume levar minha esposa nas palestras e seminários que

apresento, mesmo que tenha que pagar suas despesas. Quando estou no escritório, se tenho que atender uma mulher que vem sozinha para aconselhamento ou terapia, peço à minha esposa ou à secretária que faça algo na sala ao lado e deixo a porta entreaberta.

Também tomo o cuidado de não viajar sozinho no meu carro com uma mulher. Enquanto o livro de Provérbios fala dos perigos externos das tentações carnis, o apóstolo Paulo advertiu extensivamente sobre nossas fraquezas internas. “Não entendendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio” (Rm 7:15, NVI). Como o perigo é real, as medidas de proteção também precisam ser reais.

É possível, como pastor, desfrutar de um casamento feliz e satisfatório? Eu realmente acredito que sim. Por meio de atenção intencional e contínua e de decisões firmes, o casamento pode se transformar na mais poderosa fonte de força.⁵

Deus nos deu dois grandes presentes: a família e o ministério. Eu aprendi (infelizmente), da maneira mais difícil, que essas dádivas divinas sempre podem melhorar, em vez de se destruírem uma a outra. **M**

Referências

¹ Gábor Mihalec e Róbert Csizmadó, *No More Games: How to build a faithful and satisfying relationship* (Grantham, UK: Autumn House, 2018).

² Ellen G. White, *O Lar Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), p. 32.

³ Kyle Benson, “6 Hours a Week to a Better Relationship”, <gottman.com/blog/6-hours-a-week-to-a-better-relationship/>.

⁴ “Ethics and Sex” in *Seventh-day Adventist Minister's Handbook* (Silver Spring, MD: General Conference Ministerial Association, 1997), p. 50, 51; John A. Trusty, *Why Some Pastors Cheat... And What Can Be Done to Help Them to Be True* (Gaithersburg, MD: Signature Books, 2010).

⁵ Gábor Mihalec, *I Do: How to build a great marriage* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2014).

GÁBOR MIHALEC

pastor, terapeuta e diretor do Ministério de Lar e Família para a Hungria



MANIFESTO DA INTEGRIDADE

Consegue imaginar alguém que realizou 417 cruzadas evangelísticas e pregou o evangelho a 215 milhões de pessoas ao vivo em mais de 185 países e seis continentes? Um pregador que se encontrou com chefes de Estado e celebridades, bem como com cada presidente dos Estados Unidos, de Dwight Eisenhower a Donald Trump? William Franklin Graham Jr. (1918-2018), popularmente conhecido como Billy Graham, nasceu no dia 7 de novembro de 1918, perto da cidade de Charlotte, Carolina do Norte. Em 13 de setembro de 1947, quando tinha apenas 28 anos de idade, Graham começou sua primeira campanha envolvendo uma cidade inteira, realizada em Grand Rapids, Michigan. Com o lema “Juventude para Cristo”, as reuniões foram frequentadas por quase 6 mil pessoas. A integridade moral de seu ministério era garantida pelo “Manifesto de Modesto” (1948), um acordo informal assumido por sua equipe evangelística na cidade de Modesto, Califórnia, que tocava em quatro itens. Em sua autobiografia, ele apresenta o teor de cada um deles.

“O primeiro ponto da lista a ser debatido era o dinheiro. Quase todos os evangelistas daquela época – inclusive nós – eram sustentados pelas ofertas recolhidas durante as reuniões.”¹ Diante da tentação que alguns pregadores tinham em apelar emocionalmente aos participantes para que ofertassem mais e da falta de auditoria em relação aos valores arrecadados, “determinamos em Modesto que faríamos todo o possível para evitar abusos financeiros, desprezando as ofertas e dependendo o máximo possível dos fundos angariados com antecedência pelos comitês locais”.²

“O segundo item da lista era o perigo da imoralidade sexual. Conhecíamos evangelistas que haviam cometido atos imorais por estar longe da família.”³ Considerando esse contexto, os membros de sua equipe se comprometeram a “evitar qualquer situação passível de levantar a mínima suspeita”.⁴ Billy Graham pontua: “Daquele dia em diante, não viajei, não fiz refeições nem estive a sós com nenhuma mulher, a não ser minha esposa.”⁵

“O terceiro item referia-se à tendência da maioria dos evangelistas em desvincular seus trabalhos da igreja local, chegando a criticar os pastores e as igrejas da cidade de forma explícita e mordaz.”⁶ Uma vez que essa prática gerava um clima hostil e depunha contra a essência do evangelho, eles se comprometeram a “cooperar com todos aqueles que cooperassem conosco para a proclamação do evangelho, e evitar atitudes antieclesiásticas e anticlericais”.⁷

“O quarto e último item relacionava-se à autopromoção. Alguns evangelistas tinham o hábito de exagerar o próprio sucesso ou o número de pessoas presentes às reuniões.”⁸ Como resultado desse comportamento, a percepção da opinião pública a respeito do evangelismo tornou-se negativa, prejudicando a divulgação das séries e, consequentemente, diminuindo o número de participantes. Assim, “comprometemo-nos em Modesto a manter integridade tanto em nossa promoção quanto nos comentários acerca das reuniões”.⁹



Essas quatro regras ajudaram a preservar a integridade moral e ética do famoso pregador Billy Graham e de sua equipe evangelística. As mesmas regras podem preservar ainda hoje a idoneidade moral de cada ministro do evangelho, incluindo a sua e a minha. Lembre-se de que sua reputação pessoal é um precioso legado que merece ser preservado (ver Pv 22:1). Não basta você ser íntegro e honesto, você precisa ser reconhecido como tal. **■**

Referências

- ¹ Billy Graham, *Billy Graham: O evangelista do século* (São Paulo: Hagnos, 2008), p. 138.
- ² Graham, *Billy Graham*, p. 139.
- ³ Graham, *Billy Graham*, p. 139.
- ⁴ Graham, *Billy Graham*, p. 139.
- ⁵ Graham, *Billy Graham*, p. 139.
- ⁶ Graham, *Billy Graham*, p. 139.
- ⁷ Graham, *Billy Graham*, p. 139.
- ⁸ Graham, *Billy Graham*, p. 139.
- ⁹ Graham, *Billy Graham*, p. 139.

ALBERTO R. TIMM

diretor associado do
Patrimônio Literário Ellen
G. White



DE VOLTA AOS FUNDAMENTOS

Casamento e sexualidade no Gênesis

Stephen Bauer

Será que a Bíblia ainda é relevante para orientar a visão moral com relação ao comportamento sexual e casamento no século 21? O assunto é importante, pois a questão, por si mesma, evoca algo crítico sobre as Escrituras. As pessoas não andam por aí fazendo perguntas se a visão de Platão sobre o amor é relevante, nem se as fábulas de Esopo são significativas hoje. Tais questões são irrelevantes, porque não consideramos Platão nem Esopo autoridades morais ou espirituais. Eles são meramente autores humanistas a quem podemos aceitar ou não, sem consequências.

A Palavra de Deus é diferente de Platão ou Esopo. Aceitamos que os relatos bíblicos são revelação divina e, portanto, autoridade moral e espiritual. Acreditamos que a Bíblia é a palavra inspirada de Deus, única autoridade para a fé e a prática da vida. Mas como pode um Livro, que afirmamos ser autoridade espiritual e moral suprema, ser significativo ainda hoje, se ele foi escrito há milhares de anos? Seria a Bíblia um guia moral, porém ultrapassado, adequado somente para as épocas pré-científicas?

Há duas razões pelas quais considero que a Bíblia ainda é relevante para os nossos dias. A primeira, porque acredito que a natureza humana não mudou desde que

as Escrituras foram escritas. Tecnologia, sociedade, ideologias políticas, nações e religiões vêm e vão, mas a natureza humana permanece essencialmente inalterada. Temos as mesmas ambições, desejos e medos que as gerações passadas. Por isso, questões sobre amor, casamento e sexualidade sempre serão relevantes.

A segunda é porque creio que “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (1Tm 3:16). A inspiração das Escrituras significa uma reivindicação de autoridade moral e espiritual atemporal. Jesus e os apóstolos consideravam as Escrituras normativas para o cristão. A inspiração e a imutabilidade divinas exigem que o seguidor de Cristo veja as Escrituras como a palavra atemporal para a humanidade. A Bíblia não é simplesmente um produto das comunidades religiosas judaica e cristã e, portanto, não inspirada. Ela é a mensagem autoritativa de Deus para todas as épocas.

A resistência à Sua autoridade decorre, em parte, das tensões entre as crenças, anseios sociais e reivindicações sobre ela. Assim como a visão bíblica das origens contrasta com algumas crenças e teorias da evolução materialista, as normas bíblicas para o comportamento sexual e matrimônio também contrastam fortemente com valores e práticas da sociedade moderna. Esse contraste é especialmente evidenciado quando se acredita que Deus instituiu o casamento, e a expressão sexual que o acompanha, somente para propósitos sagrados e específicos. Esse choque entre os valores contemporâneos e bíblicos tem levado a humanidade a concluir que a sabedoria inspirada da antiguidade sobre os relacionamentos amorosos e conjugais não é mais relevante na era científica.

Considerando esses fatores, posso afirmar que a revelação e a abordagem bíblica sobre relacionamento e comportamento sexual é fundamentalmente relevante. A seguir, vamos examinar essas questões à luz do livro de Gênesis.

Fundamentos

O livro de Gênesis funciona como introdução teológica e filosófica à Bíblia. Os capítulos 1 a 4 apresentam as definições filosóficas para Deus, o ser humano e a natureza da realidade utilizadas no restante das Escrituras. Além disso, pessoas e temas que desempenham papel vital na teologia bíblica também são encontrados ao longo do livro. Por exemplo, Paulo desenvolve sua doutrina da justificação pela fé em Romanos e parte de Gálatas com base na história de Abraão. “Abraão creu no SENHOR, e isso lhe foi creditado como justiça” (Gn 15:6, NVI). Gênesis, portanto, fornece a base primária e fundamental para o argumento paulino. A descrição do apóstolo a respeito do pecado como poder dominador e escravizador (Rm 3:9; 5:12, etc.) parece estar enraizada no primeiro uso bíblico do termo “pecado” em Gênesis 4. Aqui, o pecado fica à espreita como um predador perseguindo Caim para agarrá-lo e dominá-lo. Com base nesses exemplos, podemos esperar que o livro do Gênesis também forneça um fundamento moral e teológico para temas que envolvam romance, casamento e sexualidade.

Não é de surpreender que Jesus e Paulo tenham utilizado a história da criação para fundamentar os padrões morais sobre matrimônio e comportamento sexual (Mt 19; 1Co 6; Ef 5). Gênesis 1 e 2 diz que não era bom para os seres humanos viverem sozinhos; por isso, Deus criou um parceiro correspondente de um gênero diferente para que, no casamento, um homem e uma mulher se tornassem “uma só carne”. Moisés trata a criação de Eva como um exemplo protótipo para a humanidade: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gn 2:24, NVI). Curiosamente, Jesus e Paulo citam a versão da Septuaginta (LXX)¹ de Gênesis 2:24, “tornando-se os dois uma só carne” (Mt 19:5; Ef 5:31). Ao adicionar a palavra “dois”, os tradutores da LXX especificaram o contexto do capítulo para descrever mais

claramente o ideal de um homem mais uma mulher, duas pessoas no total, constituindo o casamento ideal.

Na história da queda, em Gênesis 3, o ideal para o casamento começa a se degradar, quando Adão e Eva perdem sua unidade ao cair em um jogo de culpa disfuncional. Nenhum deles queria assumir a responsabilidade por suas ações e contribuições para o desequilíbrio que se desenvolveu após a queda. A autopreservação e os desejos egoístas corroem a unidade e a santidade do vínculo, fragmentando o relacionamento. Hoje, essa dinâmica é incrivelmente semelhante à disfunção conjugal. Mas essas disfunções edênicas causadas pela queda foram somente o início do afastamento do desígnio divino.

Poligamia

A história rapidamente se encaminhou para uma nova direção em Gênesis 4. Lameque, um dos descendentes de Caim, tomou duas esposas para si (v. 19). Aqui temos o primeiro desvio registrado do ideal divino para a sexualidade e o casamento, a poligamia.³ No registro bíblico, a poligamia precede a promiscuidade e outros desvios do plano original de Deus. Isso sugere que os primeiros passos ocorreram em um contexto de ostensividade à preservação do ideal divino para o matrimônio, redefinindo-o para incluir múltiplos parceiros. A poligamia parece ter sido o ponto de inflexão que abriu caminho para desvios mais ousados no futuro.

A poligamia é certamente um assunto relevante hoje. Com o casamento sob redefinição radical na cultura ocidental, a poligamia está sendo reintroduzida nas discussões políticas e morais como opção legítima para aprovação legal e moral. Além disso, em muitas partes do mundo em que as culturas não são fortemente influenciadas pela moralidade judaico-cristã, a poligamia é permitida ou incentivada. Nas culturas poligâmicas, as esposas são vistas, até certo ponto, mais como propriedade do homem do que como

pessoas plenas e independentes, criadas à imagem de Deus.

Em Gênesis 16 e 21, a poligamia novamente adentrou ao cenário com Hagar. O que parecia ser a solução para Abraão conseguir o filho prometido se transformou em pesadelo no relacionamento entre Sara e Hagar. Sara exigiu que Abraão abandonasse Hagar e a mandasse embora com Ismael. A dinâmica da disfunção familiar, rejeição, divórcio e abandono ressoam em muitos lares atualmente. O drama continua em Gênesis 29, com os casamentos plurais de Jacó com quatro mulheres. A disfunção produzida na família do patriarca e a resultante intriga, decepção, alienação, sequestro e escravidão, jamais poderia eleger seu clã como ideal divino para a vida familiar. Pelo contrário, ela introduz um registro negativo da poligamia e de seus efeitos.

Voyeurismo

Tendo começado a queda do ideal divino com a poligamia (Gn 4), descemos ao voyeurismo, a violação da privacidade, em Gênesis 9. Aqui encontramos uma história estranha sobre Cam e Noé, seu pai. O relato

menção que Cam viu a nudez do pai enquanto Noé estava bêbado e dormindo nu em seus aposentos. Logo após deixarem a arca, Deus havia reiterado as bênçãos e ordens edênicas para que Noé e seus três filhos fossem frutíferos, multiplicassem e enchessem a Terra (Gn 9:1, 18).

O texto hebraico diz: “Noé estava descoberto em sua tenda.” Nesse contexto, parece que Cam estava fazendo o papel de voyeur. A forte reação de Noé ao voyeurismo de Cam, combinada com a extrema reverência dos outros dois irmãos em não olhar, reforça a suspeita de que o problema de Cam foi mais do que apenas ver seu pai sem roupa. A reação de Noé aponta para algo muito sério. Certamente, essa história parece irrelevante em uma era de pornografia e prazer voyeurista, reforçando a santidade da sexualidade e o desígnio de Deus para que seja um ato privado entre marido e mulher, e não um espetáculo público.

Nesse ponto da narrativa de Gênesis, a trajetória de desvio do ideal divino mudou da poligamia para o voyeurismo, que reforçou a separação entre sexualidade e

casamento, transformando-o meramente em um meio para alcançar o prazer pessoal. Com a história de Ló e suas filhas em Sodoma (Gn 19), descemos ainda mais em três novas formas de desvio.

Homoerotismo

A nova manifestação de desvio aparece quando os homens de Sodoma queriam obrigar Ló a colocar para fora dois hóspedes que estavam em sua casa para que eles os “conhecessem”. A sexualidade em Sodoma parece ter mudado do ideal edênico de casamento heterossexual para promiscuidade entre pessoas do mesmo sexo. Ló declarou que a ação homoerótica proposta era perversa (Gn 19:7). O fato de Ló oferecer a virgindade de suas duas filhas como substituta sugere que ele entendia o “estupro” das filhas como um mal menor do que as relações homossexuais.⁴ Certamente, a reação de Ló abominando a homossexualidade é relevante para a discussão dos direitos que gays e lésbicas querem defender na cultura contemporânea.

Estupro

Gênesis 34 registra a história de Diná. Um relato endossado por sua semelhança com a história do estupro de Tamar pelo seu meio-irmão Amnon.⁵ Muito provavelmente Diná tenha sido violentada. Consequentemente, a violenta reação de seus irmãos contra todos os homens de Siquém, e não somente contra Siquém, filho de Hamor, indica que eles viam o estupro dela como um ato profano e de humilhação, justificando, assim, a vingança mortal desencadeada por Levi e Simeão.



A fidelidade ao longo da vida
conjugal é o plano de Deus
para as famílias. Essa união
deve promover e manter
o senso de singularidade,
exclusividade e peculiaridade.

Alguns poderiam argumentar que o envolvimento de Diná foi consensual. Teríamos então a questão do sexo antes do casamento. Qualquer que seja a maneira pela qual interpretamos essa história, não podemos deixar de tratar o caso como um ato vil que faz eco aos comportamentos sexuais contrários ao ideal edênico.

Prostituição

Gênesis 37 apresenta o início da história de José. Depois que ele foi vendido a Potifar, o autor interrompe o relato e insere a história de Judá e Tamar, sua nora (Gn 38). Depois, volta a narrativa sobre José (Gn 39:1). Se descartássemos Gênesis 38, poucos sentiriam falta desse episódio. Além disso, o fato desse capítulo se concentrar nos comportamentos sexuais sórdidos dos filhos de Judá, e do próprio Judá, faz com que ele pareça não estar relacionado à história de José. No entanto, eu imagino que o autor usou Gênesis 38 para revelar ainda mais o caráter de Judá como um vilão e, assim, enfatizar o contraste com o virtuoso José.

Inicialmente, encontramos Tamar como viúva do primeiro marido, o primogênito de Judá, morto por Deus por um mal não especificado. Depois, Onã é convocado pelo pai para gerar um filho para seu irmão falecido, contraindo matrimônio permitido pela lei levítica com Tamar, sua cunhada. Porém, ele se negou a procriar, praticando o coito interrompido para impedir que Tamar engravidasse. Por isso, Onã também desagradou ao Senhor e acabou morrendo, deixando Tamar sem filhos.

Tamar esperou que Judá lhe desse seu outro filho, mas quando ele não o fez, ela se disfarçou de prostituta e enganou seu sogro, tendo relações sexuais com ele. Tal ato resultou em sua gravidez. É importante observar com que facilidade Judá se envolveu com uma suposta prostituta. Parece que casos assim eram normais naqueles tempos. A prostituição também é um tema relevante em nossa sociedade.

Pessoas vendem seus corpos para obter dinheiro, outras compram sexo para ter prazer. Essa distorção da sexualidade não tem mudado ao longo dos séculos.

Adultério

Voltando a Gênesis 39, encontramos a esposa de Potifar. Ela parecia ver no sexo uma expressão de poder sobre os outros e se recusou a respeitar o “não” de José. Quantas violações ocorrem nos relacionamentos conjugais porque um dos cônjuges não respeita as recusas do outro? Certamente as questões envolvidas nessa história são temas que vivenciamos na sociedade atual.

A atitude de José contrasta fortemente com o comportamento do seu irmão e da esposa de Potifar. O que impressiona no relato é que José era solteiro; no entanto, revelou incrível discernimento moral. Primeiro, ele se esquivou das investidas sensuais e atitudes inapropriadas de sua patroa, a ponto de sair correndo da sala. Segundo, sua lógica moral é impressionante. “Ele, porém, recusou e disse à mulher do seu senhor: ‘Tem-me por morador o meu senhor e não sabe do que há em casa, pois tudo o que tem me passou ele às minhas mãos. Ele não é maior do que eu nesta casa e nenhuma coisa me vedou, senão a ti, porque és sua mulher; como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?’” (Gn 39:8, 9).

O argumento de José teve como base o dever de não trair a confiança de Potifar. Ele também apelou para o senso de lealdade da esposa do seu senhor. Isso foi de uma simplicidade brilhante e um poderoso apelo à razão. Contudo, o mais importante foi sua convicção de que se cedesse à tentação estaria pecando contra Deus.

O conceito moral principal estava na exceção. José disse: “Ele não é maior do que eu nesta casa e nenhuma coisa me vedou, senão a ti.” José argumentou que naquela casa não havia diferença alguma na representatividade entre Potifar e ele, *exceto* a esposa do seu senhor. Ou seja, seu

argumento indicava que o único ponto que os diferenciava era que Potifar podia tê-la sexualmente, mas José, não. Na concepção do jovem, minar a exclusividade conjugal era infidelidade não apenas para com Potifar, mas contra Deus. Tal atitude violaria o desígnio divino estabelecido no Éden.

Os relatos do Gênesis revelam que o principal objetivo de Deus para a expressão sexual não é o prazer pessoal ou a procriação. O sexo não deve ser uma ferramenta para manipular as pessoas nem um meio para exercer poder sobre outros. Seu objetivo é promover o senso de singularidade e exclusividade entre marido e mulher dentro do matrimônio. Gênesis, portanto, relata o drama da disfunção que resulta do afastamento e da rejeição do ideal divino.

Conclusão

A fidelidade ao longo da vida conjugal é o plano de Deus para as famílias. Essa união deve promover e manter o senso de singularidade, exclusividade e peculiaridade. Em um mundo em que a infidelidade e o divórcio somam números alarmantes, as Escrituras promovem a fidelidade entre os cônjuges por toda a vida. O livro do Gênesis fornece os princípios divinos para essa dinâmica relacional. **M**

Referências

¹ *Septuaginta* é a tradução da Bíblia Hebraica para o grego.

² Paulo usa Efésios 5:31 para união matrimonial e a expressão “uma só carne” (1Co 6:16) como um eufemismo para as relações sexuais.

³ Poligamia, do grego *poly* (muitas) e *gynē* (mulheres), significa ter múltiplas esposas.

⁴ John D. Barry, *Faithlife Study Bible* (Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2012), Gênesis 19:8.

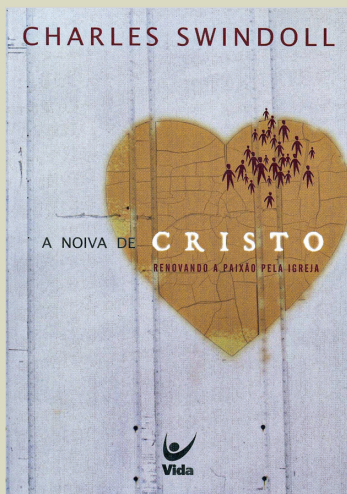
⁵ Ambas as narrativas usam o verbo “forçar” (*ānā*) em relação a humilhar.

Nota: Texto publicado originalmente no site do Biblical Research Institute. Usado com permissão.

STEPHEN BAUER

professor de Teologia e Ética na Universidade Adventista do Sul, Estados Unidos



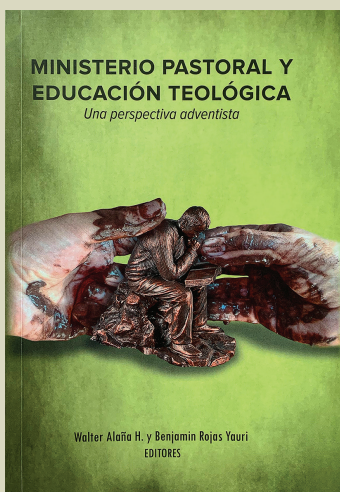


A Noiva de Cristo: Renovando a paixão pela igreja

Charles Swindoll, Vida, 2006, 252 p.

“O experiente pastor Charles Swindoll apresenta aspectos que dinamizam a liderança eficaz de uma congregação. O propósito, os objetivos, o amor, o carisma, a flexibilidade, a firmeza, o preparo, a integridade e a pureza sexual do ministro do evangelho são alguns dos atributos que devem ser buscados com dedicação. O autor também delineia os desafios de pastorear num contexto contemporâneo, os ‘tempos difíceis’ previstos na Bíblia, e como transformar a mentalidade de uma congregação metropolitana. Finalmente, aponta como manter a dignidade do ministério perante a igreja e a sociedade ao evitar os pecados que inviabilizam a liderança espiritual.”

Pastor Fernando Dias



Ministério Pastoral y Educación Teológica: Una perspectiva adventista

Walter Alaña e Benjamin Rojas (org.), Ediciones Teologika/Aces, 2019, 160 p.

“A atividade pastoral exige um conhecimento amplo e profundo de uma variedade de áreas e temas. Ser pastor nos dias de hoje não se limita unicamente a aplicar o conhecimento adquirido durante as aulas do seminário teológico. É necessário que o ministro cresça para além daquilo que recebeu durante os quatro anos de ministério. Para tanto, o desenvolvimento intelectual é fundamental para que ele se mantenha por cima dos diferentes desafios que enfrenta.

Destinado a conscientizar o ministro da importância do desenvolvimento da mente, a obra organizada por Alaña e Rojas reúne a colaboração de diversos autores adventistas que tratam dos diversos aspectos referentes ao desenvolvimento intelectual do pastor. Com textos que oferecem uma visão histórica, a fundamentação bíblica e o propósito do ministério adventista, bem como do crescimento intelectual durante os anos de atuação do pastor, este livro é uma ótima indicação para aqueles que amam o que fazem e desejam aprimorar sua atuação na causa de Deus.”

Pastor Glauber Araújo



Visitação Eficaz: Um guia para pastores e anciãos

Paulo Nogueira, USeB, 2019, 154 p.

“O trabalho da visitação está entre uma das atividades mais importantes do ministério pastoral; contudo, nem sempre essa tarefa tem sido realizada de maneira sistemática e intencional. A partir de sua experiência, o pastor Paulo Nogueira apresenta em seu livro o fundamento bíblico da visitação, bem como dicas valiosas sobre como realizá-la de modo eficiente.

Dividido em 10 capítulos, a obra leva o leitor a refletir sobre o porquê fazer parte do ministério da visitação e também como realizar essa tarefa de maneira espiritual e eficaz. Certamente, pastores, anciãos e líderes de igreja serão beneficiados com o conteúdo desse livro.”

Pastor Wellington Barbosa

“Purificação no Céu? Uma breve análise de interpretações de Daniel 8:14 e Hebreus 9:23”

Revista Kerygma, FAT-Unasp, EC, v. 13, nº 2, 2017, p. 61-79

Rafael Fonseca Krüger e Adriani Milli Rodrigues

<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/issue/view/88>

Alguns comentaristas têm interpretado Daniel 8:14 e/ou Hebreus 9:23 como referências a uma purificação ocorrendo no Céu. No entanto, muitos estudiosos não concordam com essa perspectiva. Além das razões exegéticas, um motivo para tal posição está na dificuldade em conceber uma purificação acontecendo no Céu. Afinal, purificação pressupõe contaminação e impureza. Esse artigo aborda essa dificuldade e apresenta as respostas dadas por teólogos e eruditos a respeito do assunto.

O estudo também inclui interpretações dos pioneiros adventistas sobre Daniel 8:14 e de comentaristas contemporâneos acerca de Hebreus 9:23.



“Origen, significado y función del ‘don de profecía’ en la Biblia”

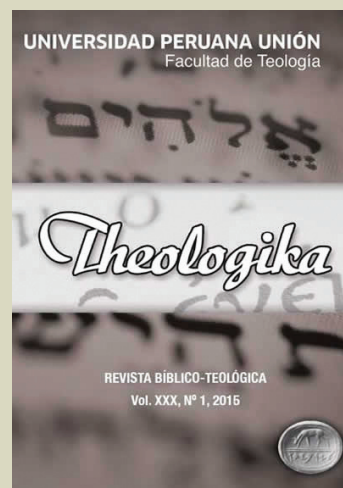
Revista Theologika, v. 30, nº 2, 2015, p. 188-231

Ranko Stefanovic

<https://revistas.upeu.edu.pe/index.php/RT/article/view/385/384>

A declaração divina em Números 12:6 indica que o ministério profético não seria limitado apenas a Moisés, mas que seria seguido pelos profetas depois dele. Moisés deixou isso muito claro para o povo de Israel em seu último discurso (Dt 18:15). Embora essa profecia tenha sido parcialmente cumprida com Josué, o sucessor de Moisés e, finalmente, com Jesus, o Messias (ver 3:22; 7:37), ela se referia, a partir de então, à sucessão do ministério profético (cf. Dt 18:16-22).

Esse artigo procura demonstrar que a Bíblia revela com clareza a veracidade disso, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Mas este último estabelece que o dom de profecia continuaria vigente na igreja do tempo do fim, uma vez que o Espírito Santo não abandonou Seu ministério, outorgando assim à igreja todos os dons que Ele prometeu para sua edificação.



“Glocalización: Una perspectiva diferente en la misión urbana”

DavarLogos, v. 16, nº 2, 2017, p. 81-111

Walter Lehoux

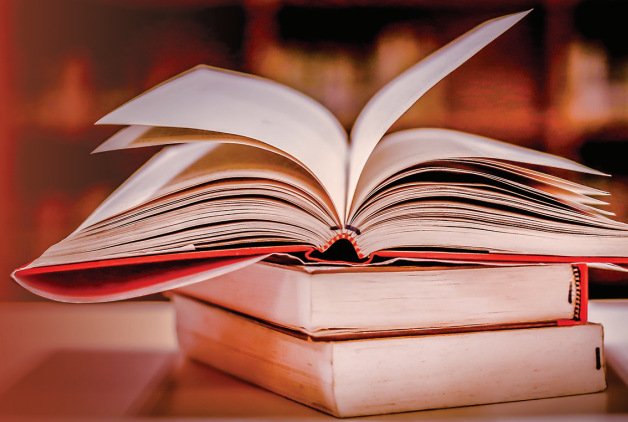
<http://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos/article/view/776/735>

Nos últimos anos, o mundo foi agitado por grandes movimentos de pessoas provenientes especialmente da Ásia e África, a fim de se estabelecerem como refugiadas em diferentes países europeus. A maioria delas foge de seus países de origem em busca de ajuda humanitária.

Por outro lado, nos últimos anos, muitos países da América têm recebido grandes quantidades de imigrantes. Sem dúvida, esses movimentos migratórios produzem mudanças na vida cotidiana. Eles ocorrem no contexto cultural, racial ou social. Quanto à missão, os movimentos migratórios também afetam os paradigmas de trabalhos missionários urbanos. Na atualidade, a experiência intercultural não se vive somente em um país estrangeiro, mas também pode ser vivida no meio local. Dessa nova experiência intercultural, surge uma nova perspectiva de trabalho nas grandes cidades: a glocalização.



PREPARADOS PARA SERVIR



Ellen G. White

A causa de Deus necessita de homens eficientes; homens preparados para fazer o serviço de mestres e pregadores. Homens de pouco preparo escolar têm trabalhado com certa medida de êxito; contudo, teriam conseguido maior sucesso ainda e sido obreiros mais eficientes se houvessem recebido desde o princípio disciplina mental.

A Timóteo, jovem ministro, escreveu o apóstolo Paulo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2:15). A obra de ganhar pessoas para Cristo exige preparo cuidadoso. Não se deve entrar para o serviço do Senhor sem a necessária instrução e esperar o maior êxito. Mecânicos, advogados, comerciantes, homens de todas as atividades e profissões são educados para o ramo de atividade que esperam seguir. É seu propósito se tornarem o mais eficientes possível. [...] Deveriam os servos de Cristo mostrar menos diligência em se preparar para uma obra infinitamente mais importante? Deveriam ser ignorantes dos meios e modos a se empregarem para ganhar pessoas? Requer conhecimento da natureza humana, profundo estudo, meditação e fervorosa oração saber como aproximar-se de homens e mulheres para tratar dos grandes temas que dizem respeito a seu bem-estar eterno.

Não poucos dentre os que têm sido chamados para cooperar com o Mestre

têm deixado de aprender seu mister. Têm desonrado o Redentor entrando na Sua obra sem o necessário preparo. Alguns há que, enfadados com o falso verniz a que o mundo chama refinamento, têm passado ao extremo oposto, tão nocivo quanto o primeiro. Recusam-se a receber o polimento e refinamento que Cristo deseja que Seus filhos possuam. O pastor deve lembrar que é educador, e se nas maneiras e linguagem se mostra vulgar e sem polidez, os que possuem menos conhecimentos e experiência seguirão a mesma trilha.

Conhecimento superficial

Um jovem pastor nunca deve ficar satisfeito com um conhecimento superficial da verdade, pois não sabe onde se lhe exigirá que testemunhe em favor de Deus. Muitos terão que comparecer perante reis e eruditos da Terra, a fim de responderem por sua fé. Aqueles que possuem compreensão apenas superficial da verdade não têm sido obreiros que não têm do que se envergonhar. Ficarão confundidos e não serão capazes de explicar claramente as Escrituras.

Fato lamentável é que o progresso da Causa seja prejudicado pela falta de obreiros instruídos. Muitos carecem de requisitos morais e intelectuais. Eles não exercitam a mente, não cavam em busca dos tesouros ocultos. Visto que apenas tocam a superfície, adquirem unicamente o conhecimento que se encontra à superfície.

Pensam os homens que hão de ser capazes de, sob a pressão das circunstâncias,

galgar a posições importantes, quando têm negligenciado o preparar-se e disciplinar-se para a obra? Imaginarão que podem ser instrumentos polidos nas mãos de Deus para a salvação das pessoas, se não têm aproveitado as oportunidades que lhes foram oferecidas a fim de se habilitarem para a obra? A Causa de Deus pede homens completos, capazes de compreender, planejar, construir e organizar. E os que apreciam as probabilidades e possibilidades da obra para este tempo, buscarão, mediante estudo profundo, obter todo o conhecimento que lhes seja possível da Palavra, para ajudar os necessitados, enfermos pelo pecado.

Um ministro nunca deve pensar que aprendeu o suficiente e agora pode relaxar seus esforços. Sua educação deve continuar ao longo da vida; todos os dias ele deve aprender e usar o conhecimento adquirido.

Que os que se estão preparando para o ministério não esqueçam nunca que o preparo do coração é, de todo, o mais importante. Soma alguma de cultura intelectual ou preparo teológico o pode substituir. Os brilhantes raios do Sol da Justiça têm que brilhar no coração do obreiro, purificando-lhe a vida, antes de a luz vinda do trono de Deus poder, por intermédio deles, brilhar para os que se acham em trevas. **M**



Texto extraído de *Obreiros Evangélicos*, p. 92-95

CRESCIMENTO PLANEJADO

As diferentes áreas as quais os pastores devem conhecer e dominar, às vezes, podem se tornar algo esmagador no ministério. Elas envolvem questões teológicas e doutrinárias, resolução de conflitos interpessoais, finanças eclesiais, entre outras. Para enfrentar os desafios envolvidos, é importante buscar crescer no aspecto da liderança e da pregação. No entanto, além das áreas diretamente ligadas ao ministério, também é preciso investir tempo e recursos para atender e desenvolver as áreas pessoal e familiar.

No entanto, embora reconheçamos que precisamos nos desenvolver em uma gama ampla de áreas, pode ser difícil encontrar a maneira de ser o mais intencional possível para crescer o máximo possível. A seguir, apresento a proposta de um plano de crescimento pessoal que pode ser personalizado de acordo com sua realidade.

Arranje tempo. Antes de entrar em detalhes, é preciso esclarecer uma coisa: a ideia de que podemos “encontrar tempo” para implementar um plano em nosso ritmo diário e semanal não passa de um mito. Se você tentar “encontrar tempo” para essas coisas, elas não acontecerão. Você deve *arranjar tempo*.

Por exemplo, você pode planejar para que todos os dias, das 8 às 9 da manhã, ou das 15 às 16 horas, seja seu horário de desenvolvimento. É importante estabelecer um horário fixo e inseri-lo à sua agenda como compromisso inegociável. Isso é *arranjar tempo*.

Priorize seu tempo com as Escrituras e a oração. A capacitação e o poder de um ministro resultam da qualidade da comunhão que ele mantém com Deus. Portanto, é fundamental dedicar tempo diário para o estudo e a oração. Sem essas duas coisas, o ministério será superficial. Diariamente devemos rogar ao Senhor que nos oriente e realize Sua vontade por nosso intermédio.

A capacitação e o poder de um ministro resultam da qualidade da comunhão que ele mantém com Deus.

Escreva seu plano. Tente fazer uma lista não muito grande. Comece com o mais importante e adicione objetivos à medida que for alcançando os primeiros itens. O plano de ação deve ser mensurável (horas diárias ou dias por semana, por exemplo), específico, temporal (eles podem ser de 3, 6 ou 12 meses, para medir os resultados e reavaliar como proceder), alcançável e realista.

Por exemplo, você pode elaborar um plano sistemático de leitura. Além do estudo da Bíblia, é importante ler outros materiais. Você não pode deixar de ler os livros do Espírito de Profecia. Deve também consultar as sugestões na seção “Dicas de Leitura” da revista *Ministério*. Ademais, use materiais em áudio. Essa é uma excelente maneira de maximizar seu tempo. Você pode ouvir audiolivros, sermões e outros materiais enquanto dirige, faz exercícios ou realiza outra atividade. Finalmente, separe tempo para estar com a família. Aproveite todos os momentos que puder para desfrutar com sua família. Seja intencional ao planejar e participar de atividades que deixarão lembranças agradáveis para sua esposa e seus filhos. Pode ser uma excursão, caminhada ou piquenique, sair juntos, etc. Talvez você já esteja praticando determinados itens desse plano sugestivo, ou tenha que implementar outros. O importante é ter um plano de ação. O início de um novo ano é uma excelente oportunidade para tomar decisões. Tenha certeza de que Deus abençoará seus esforços. Ele deseja que você cresça e se desenvolva no ministério! **M**



WALTER STEGER
editor associado da
Ministério, edição em
espanhol

CPB livraria

CDs | DVDs
Livros | Bíblias
Guias de Estudo
Hinários | Revistas
Folhetos | Jogos
Brinquedos

**AMAZONAS
MANAUS**
SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288 / (92) 98113-0576

**BAHIA
CACHOEIRA**
FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300 / (75) 99239-8765

**BAHIA
SALVADOR**
NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543 / (71) 99407-0017

**CEARÁ
FORTALEZA**
CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779 / (85) 99911-0304

**DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA**
ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 17/23 - Ed. Number One
(61) 3321-2021 / (61) 98235-0008

**GOIÁS
GOIÂNIA**
SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830

**MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE**
CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463

**MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE**
CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044 / (31) 99127-1392

**PARÁ
BELÉM**
MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130

**PARANÁ
CURITIBA**
CENTRO
R. Vis. do Rio Branco, 1335 | Loja 1
(41) 3323-9023 / (41) 99706-0009

**PERNAMBUCO
RECIFE**
SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941 / (81) 99623-0043

**RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO**
TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Loja A
(21) 3872-7375

**RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE**
CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538

**SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO**
UNASP/EC
Rod. SP 332, km 160 | Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398 / (19) 98165-0008

**SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA**
PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070

**SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ**
CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**
MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**
PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28 | 5º Andar
(11) 3106-2659 / (11) 95975-0223

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**
VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021

**SÃO PAULO
TATUI**
LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB ESPALHADAS
POR TODO O BRASIL